



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MILENA CARVALHO DE SOUSA

**AS FACES DE OLGA: representações sobre Olga Benário na história política brasileira
(décadas de 1930 a 1940)**

PICOS (PI)
2021

MILENA CARVALHO DE SOUSA

**AS FACES DE OLGA: representações sobre Olga Benário na história política brasileira
(décadas de 1930 a 1940)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo
Serviço de Processamento Técnico

S725f Sousa, Milena Carvalho de

As faces de Olga: representações sobre Olga Benário na história política brasileira (décadas de 1930 a 1940) / Milena Carvalho de Sousa – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. Olga Benário. 2. Representações. 3. Política brasileira. I. Santos,
Raimundo Nonato Lima dos. II. Título

CDD 920.72



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos oito (08) dias do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Milena Carvalho de Sousa** sob o título, **As faces de Olga: representações sobre Olga Benário na história política brasileira (décadas de 1930 a 1940)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha
Examinador (a) 2: Prof. Ms. Jackson Dantas de Macêdo

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 08 de julho de 2021.

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Olívia Candeia Lima Rocha
Examinador (a) 2: Jackson Dantas de Macêdo



À minha família.
Os grandes incentivadores.

AGRADECIMENTOS

A cada dia que passa aumenta a minha certeza de que é impossível se conquistar algo sozinho. Este momento é repleto de agradecimentos.

Agradeço a Deus por tudo, que nunca me desampara, me dando forças para seguir adiante nos momentos que penso que não vou mais aguentar, por ser tão abençoada, por guiar e iluminar meus caminhos sempre para o bem.

A minha família, meus queridos pais Luiza Maria de Carvalho de Sousa e José Francisco de Sousa, meu imensurável agradecimento, obrigada Mãe e Pai, pelas noites acordados, pelo suor derramado, pelo cansaço do trabalho, pelas brigas, pelos carinhos, pelos conselhos, pelo custeamento dos meus estudos, pelos momentos que se sacrificaram por mim, simplesmente por me amarem incondicionalmente. A meus queridos irmãos, Mayara Carvalho de Sousa e Marcos Carvalho de Sousa, obrigado por tudo, por sempre acreditarem que sou capaz, e até mesmo pelas brigas, pois após cada uma me certifico de que vocês são indispensáveis na minha vida. A minha irmã, Mayara, agradeço em especial, pois foi a responsável por me direcionar nos primeiros anos de estudos, sempre muito preocupada e dedicada, é do fundo do meu coração que agradeço por tudo que fez e ainda fazes por mim.

Ao meu orientador Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, pela dedicação, paciência, autenticidade, profissionalismo, que tornaram possível a conclusão desta monografia.

À Profa. Dra. Olivia Candeia Lima Rocha pela participação nas minhas bancas de pré-defesa e defesa e pelas brilhantes contribuições para o melhoramento do trabalho.

Ao Prof. Me. Jackson Dantas de Macêdo pela participação na banca de defesa e pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Aos meus amigos da universidade, Kennedy Junior e Amanda Rodrigues, que fizeram os meus dias serem mais leves e vivenciam as tensões, preocupações juntamente comigo.

À Luana Otoni, quem assim que soube da minha pesquisa, me disponibilizou o livro *Olga* de Fernando Morais (1985).

À Aline Alves, pelo afeto e apoio valioso ao longo da jornada.

Às minhas amigas e também historiadoras, Verônica Lima, Jaqueline Sales, Bruna Batista, que foram fundamentais nessa jornada, sempre me encorajando. Obrigada pelo carinho, amizade e apoio tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal.

Por fim, sou grata a todos que contribuíram de maneira direta ou indiretamente para o bom desenvolvimento das atividades.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa versa sobre as representações da participação de Olga Benário na história política brasileira nas décadas de 1930 a 1940. Embora não tenha nascido no Brasil e aqui tenha vivido durante menos de dois anos, Olga inscreve-se como uma figura de relevo no cenário político nacional. A trajetória de Olga coincide com importantes eventos históricos mundiais que abalaram a estrutura político, econômica e social do mundo e, principalmente, do Brasil. Essa premissa levou ao questionamento: quais foram os discursos produzidos sobre Olga Benário no Brasil e, qual sua relação com a história política brasileira? Para responder essa problemática histórica foram utilizadas variadas fontes, tais como: jornais, filmes, cartas e, principalmente, *textos biográficos*, quais sejam, as obras *Olga*, de Fernando de Moraes (1985), *Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo*, de Anita Leocádia Prestes (2017). A análise das fontes contou com as reflexões teóricas de Sandra Jatahy Pesavento (2004), Roger Chartier (2002), para as questões de representação; Alexandre Avelar (2010), Pierre Bourdieu (2006), Vavy Pacheco Borges (2001, 2009), Giovanni Levi (2006), para discutir biografia histórica; e, Raimundo César de Oliveira Mattos (2010), Eliane Vasconcelos (2008), Michel Foucault (1992), Teresa Malatian (2009), Ângela de Castro Gomes (2004), Marlon Salomon (2010), para as questões de escrita epistolar. Assim, todas as questões relacionadas à sua trajetória, tais como: as familiares, as afetivas, as de ordem intelectual e política, foram investigadas nos textos que compõem nossa análise de estudo. Mostramos as múltiplas identidades que Olga assumiu, as quais foram identificadas: revolucionária, judia, mãe, comunista extremista, companheira de Prestes.

Palavras-chave: Olga Benário. Representações. Política brasileira.

ABSTRACT

This research work focuses on the representations of Olga Benário's participation in Brazilian political history from the 1930s to the 1940s. Although she was not born in Brazil and lived here for less than two years, Olga is a relevant figure in the national political scene. Olga's trajectory coincides with important world historical events that shook the political, economic and social structure of the world, and especially of Brazil. This premise led to the question: what were the discourses produced about Olga Benário in Brazil and what is their relation to the Brazilian political history? To answer this historical problematic, several sources were used, such as: newspapers, films, letters, and, mainly, biographical texts, namely, the works *Olga*, by Fernando de Moraes (1985), *Olga Benário Prestes: A Communist in the Gestapo Archives*, by Anita Leocádia Prestes (2017). The analysis of the sources relied on the theoretical reflections of Sandra Jatahy Pesavento (2004), Roger Chartier (2002), for the issues of representation; Alexandre Avelar (2010), Pierre Bourdieu (2006), Vavy Pacheco Borges (2001, 2009), Giovanni Levi (2006), to discuss historical biography; and, Raimundo César de Oliveira Mattos (2010), Eliane Vasconcelos (2008), Michel Foucault (1992), Teresa Malatian (2009), Ângela de Castro Gomes (2004), Marlon Salomon (2010), for the questions of epistolary writing. Thus, all the issues related to her trajectory, such as: the family, the affective, the intellectual and political ones, were investigated in the texts that make up our study analysis. We show the multiple identities that Olga assumed, which were identified as: revolutionary, Jewish, mother, communist extremist, companion of Prestes.

Keywords: Olga Benário. Representations. Brazilian politics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
IC	Internacional Comunista
KIM	Kommunisti Internationali Molodoi
KPD	Partido Comunista da Alemanha
LSN	Lei de Segurança Nacional
PCB	Partido Comunista Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OLGA BENÁRIO: A REVOLUCIONÁRIA ALEMÃ QUE VEIO AO BRASIL	22
3 OLGA BENÁRIO E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA POLÍTICA BRASILEIRA (1930- 1940)	35
3.1 Representações sobre Olga Benário na imprensa brasileira	42
4 ESCRITA DE SI E CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR ENTRE OLGA BENÁRIO E LUIZ CARLOS PRESTES	50
4.1 A carta como meio de comunicação.....	50
4.1.1 Estrutura da carta	53
4.2 Olga e as cartas	55
4.2.2 Olga mãe.....	57
4.2.3 Olga Esposa	60
4.2.4 Olga revolucionária	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A participação das mulheres na política, além de representar uma das formas de combate às desigualdades de gênero, tem como finalidade o enfrentamento do grande desafio de fortalecer e ampliar a participação feminina nos espaços de poder e decisão. Segundo Lúcia Avelar (2004, p. 225), participação política “é a ação do indivíduo e grupos com o objetivo de influenciar no processo político”. Portanto, participar é colaborar.

Nesse sentido, compartilhamos da ideia de que “No que toca à participação da mulher brasileira na esfera pública do Estado, âmbito do qual ela foi secularmente excluída, ela se deu de forma tímida durante o processo histórico, tanto que a construção da categoria mulher enquanto protagonista política é algo recente” (PITANGUY, 2011, p. 17).

A história mundial é repleta de mulheres que mudaram completamente o destino da humanidade, e muitas dessas mulheres foram protagonistas dessas revoluções que marcaram época. No entanto, suas trajetórias são postas à margem dos personagens masculinos. Joana Maria Pedro (2005, p. 83) afirma que, “‘entrar para a história’ tem sido um valor disputado. A antiga forma de escrever a história, denominada de positivista, dava destaque a personagens, em geral masculinos, que tinham participado de governos e/ou de guerras”.

Os episódios históricos e os feitos heroicos de várias mulheres chegam até nós por meio da literatura, das biografias, dos livros didáticos, e de reportagens em revista e jornais. Essas mulheres recebem os papéis de heroínas, vilãs, ou outras designações, segundo a ideologia dos(as) narradores(as) de suas histórias. Na visão de Michelle Perrot,

Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês? (PERROT, 2003, p. 171).

No Brasil, isso não foi diferente. E foi pesquisando as mulheres à frente de sua época, que transformaram a sociedade brasileira e entraram para a história com suas lutas, que notamos a ausência da trajetória de Olga Benário nesse meio. Sobre a invisibilidade das mulheres na produção histórica, Michelle Perrot afirma, “há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante.” (PERROT apud MATOS, 2003, p. 13).

Embora não tenha nascido no Brasil e aqui tenha vivido durante menos de dois anos, Olga inscreve-se como uma figura de relevo no cenário político nacional. A trajetória de Olga coincide com importantes eventos históricos mundiais que abalaram a estrutura político, econômica e social do mundo e, principalmente, do Brasil, por isso, consideramos que ela se configura como uma figura importante a ser estudada, já que está inserida também na constituição histórica do Brasil.

Olga Gutmann Benário nasceu em Munique, na Alemanha, em 1908, oriunda de uma abastada família de judeus. Aos dezesseis anos de idade saiu de casa, ao lado de Otto Braun, seu namorado e dirigente do Partido Comunista da Alemanha (KPD), e sob a influência do ambiente revolucionário então existente em seu país, juntou-se às lutas da juventude trabalhadora no distrito “vermelho” de Neukolln, em Berlim. Membro destacada da Juventude Comunista, foi logo aceita nas fileiras do KPD. Em 1928, tornou-se conhecida por comandar a ação que libertou Otto Braun, na prisão de Moabit. Ambos se tornam procurados pela polícia sob acusação de alta traição à pátria e fogem para a União Soviética.

Em pouco tempo, Olga se tornou uma dirigente da Internacional Comunista da Juventude, com intensa atuação política em países europeus como Inglaterra e França, nos quais chegou a ser detida por curtos períodos. No período em que esteve em Moscou, passou por treinamento militar e aprofundou seus conhecimentos de teoria marxista-leninista. Como militante provada na luta revolucionária e na atividade clandestina do movimento comunista, foi encarregada de cuidar da segurança de Luiz Carlos Prestes em seu regresso ao Brasil, que voltaria a seu país na clandestinidade para articular uma insurreição armada que instalasse um governo revolucionário no país.

No Brasil, durante alguns meses, Olga e Prestes conseguiram ainda viver na clandestinidade, mas após a derrota dos levantes antifascistas de 1935, Olga e Prestes foram presos em março de 1936. Mesmo estando grávida, Olga foi deportada para a Alemanha em setembro daquele mesmo ano. Foi então enviada à prisão da Gestapo na Barnimstrasse, permaneceu ali até o nascimento da filha, Anita Leocádia Prestes. Passou, então, por outra prisão, em Lichtenburg, depois pelo campo de concentração de Ravensbrück, nos quais foi submetida a torturas e trabalhos forçados. Em 1942, ela foi morta em uma câmara de gás em Bernburg, na Alemanha.

Olga Benário tornou-se uma revolucionária, lutava para ver o fim das desigualdades e das injustiças sociais. Uma mulher que merece destaque pelos seus feitos. Exercendo um papel de protagonista na história política brasileira. No entanto, no Brasil temos escassas fontes sobre a participação dessa jovem militante na política e, muito menos, reconhecimento.

Configurando-se em uma falta de prestígio quando se fala dos feitos dessa jovem militante, digamos que esta é apagada da sua excepcional e inegável participação na história política brasileira, quase sempre o seu nome só é associado ao papel secundário na história política, de mulher de Luiz Carlos Prestes.

Partindo dessa perspectiva, em que não se é atribuído a essa jovem militante o seu papel de protagonista na política brasileira, que surgiu o desejo de pesquisar sobre sua trajetória política, enfocando as múltiplas e diferentes faces atribuídas a Olga Benário.

A História Cultural surge como uma alternativa ampla no sentido de apontar uma variedade de temas, fontes e objetos, entendendo-se como uma história plural, com novos olhares, por exemplo, a rediscussão do conceito de representação, que se tornou central e reorientou a postura epistemológica do historiador. Reapresentar alguma coisa, que se coloca no lugar do referente, introduz, assim, a noção de simbólico e do sentido, dentro da História (PESAVENTO, 2004). Conforme Sandra Pesavento,

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar aquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente. (PESAVENTO, 2004, p. 43).

Escolhemos esse tema pelo fato de ser um trabalho inovador. Acreditamos que um panorama sobre as representações da participação de Olga Benário na política brasileira contribua para a elaboração de uma historiografia voltada para esse tema pouco trabalhado no meio acadêmico e científico, e possui relevância para entendermos o contexto histórico dessa época e dos dias atuais. Pensamos as representações, segundo as acepções de Sandra Jatahy Pesavento (2004) e Roger Chartier (2002).

Tomo de empréstimo as noções sobre representação redigidas por Sandra Jatahy Pesavento (2004):

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2004, p. 39).

Nos atentamos, ao fato que “a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele” (PESAVENTO, 2004, p. 39). Roger Chartier (2002) no seu turno dialoga com a contribuição dos autores Durkheim e Mauss, para que as representações coletivas sejam entendidas como verdadeiras instituições sociais. Daí a possibilidade de analisar as representações, por um lado, como incorporação sob forma de categorias mentais das classificações da própria organização social, e por outro, como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos, definem identidades.

Na visão de Pesavento (2004), a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações. Assim sendo,

Isso fará da História também uma narrativa de representações do passado, que formula versões- compreensíveis, plausíveis, verossímeis- sobre experiências que se passam por fora do vivido. A História Cultural se torna, assim, uma representação que resgata representações, que se incumbe de construir uma representação sobre o já representado. (PESAVENTO, 2004, p. 42-43).

A maioria dos trabalhos que se propuseram a lembrar e/ou analisar a trajetória dessa mulher se encontram nos âmbitos artísticos, musicais, cênicos, literários e biográficos, dentre eles algumas peças teatrais, filmes, documentários, romance, obras e ensaios biográficos. Dentre as várias produções artísticas nacionais e internacionais, citaremos apenas duas montagens brasileiras. A produção cinematográfica *Olga*, com roteiro e produção de Rita Buzzar (2004), dirigida por Jayme Monjardim, baseada na biografia *Olga*, de Fernando Morais (1985), e a ópera intitulada também de *Olga*, escrita por José Antunes (2006), que estreou e esteve em cartaz em outubro de 2006, no Teatro Municipal de São Paulo.

“Nas últimas décadas do século XX, os estudos biográficos recuperaram um lugar de prestígio na produção dos historiadores, estimulados pela descrença nos modelos totalizadores de explicação histórica e pela retomada das reflexões sobre a ação individual na história” (AVELAR, 2010, p. 157). A “virada metodológica” liderada pela nova história cultural nos anos de 1980 propiciou ao gênero biográfico ganhar um novo fôlego e adquirir novas roupagens. O gênero biográfico tem sofrido uma renovação, o que não pode ser confundido com o retorno da biografia, uma vez que os trabalhos factuais e lineares não desapareçam das produções historiográficas (BORGES, 2001).

A partir dos anos oitenta do século XX, com as discussões ligadas às histórias de vida, a biografia voltou a ocupar os interesses de pesquisadores de uma forma mais sistematizada e enfática, quando se intensificaram os ensaios sobre os problemas teórico-metodológicos que

envolviam o gênero biográfico, entendendo-o como um instrumento da pesquisa histórica (BORGES, 2001).

Desta forma, Giovanni Levi (2006) assinala que a biografia individual, “Trata-se de um meio eficaz de construir uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que dele se possa ter conforme os pontos de vista e as épocas” (Levi, 2006, p. 170-171).

As décadas de 1930 e 1940 do século XX foram marcadas por lutas, oposição de ideias e movimentos revolucionários tanto na Europa como no Brasil. “Os reflexos da queda da Bolsa de Nova Iorque e a crise do capitalismo promoveram o enfraquecimento do liberalismo no mundo durante a década de 1930” (HOBSBAWM, 2008, p. 106-110).

No princípio da década de 1930, Adolf Hitler chegara ao poder na Alemanha, prometendo levar o país à liderança mundial. Na Itália, falava-se que Mussolini operava milagres (VIANNA, 2003). Nesse contexto, “os Estados fortes, com regimes autoritários, eram apontados como a solução para a crise do Estado de democracia liberal e do capitalismo de livre concorrência, que parecia haver falido depois da quebra de Bolsa de Nova York, em 1929” (VIANNA, 2003, p. 69).

Isso oportunizou o aumento da força dos movimentos de esquerda e de direita. No Brasil, as principais propostas deste período foram a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB). Dentro desse contexto de transição, emergiu a figura da militante comunista Olga Benário no cenário político da época.

Envolto nos anos de 1930 e 1940, a jovem militante alemã Olga participou do planejamento do movimento que viria a ser conhecida como “Intentona Comunista” de 1935. Atuando na história política brasileira entre o intervalo das décadas de 1930 e 1940, por isso a escolha desse recorte temporal.

Nesse sentido, constatamos que o conjunto das biografias atuaram na reprodução e cristalização de determinadas faces de Olga, que pairam sobre o horizonte dessa época histórica e, particularmente, sobre o imaginário social em torno das décadas de 1930 e 1940.

No instante que se reconhece que “a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”, no dizer de Jacques Le Goff (1996). Lembra-se que, “A intenção de construção de um discurso próximo da verdade é uma das marcas da prática escrita dos historiadores, podendo ser percebida desde o momento da pesquisa documental, passando pela elaboração explicativa até se consolidar na construção textual” (RICOUER, 1994, p. 169-171).

Diálogo com a historiadora Vavy Pacheco (2009) quando nos alerta, com relação a busca da coerência e da continuidade, “Como nós, nossos personagens históricos não são

modelos de coerência, de continuidade, de racionalidade; como para nós, as tensões entre o vivido e o que foi imaginado e desejado são fundamentais em suas vidas” (BORGES, 2009, p. 233).

Mas, referente a Olga Benário, teve-se a preocupação de se afastar das “ilusões biográficas”, e de suas descrições lineares e sem contradições, descritas por Pierre Bourdieu (2006). Reconhecendo que, “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BOURDIEU, 2006, p. 185). A trajetória que constitui a vida de qualquer indivíduo se apresenta fragmentado, multifacetado e em constante processo de construção e reconstrução. O sopro da incompletude ronda o ofício do historiador e desafia sua narrativa continuamente.

Como apontou Giovanni Levi (2006),

nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis de corroborar por falta de registros documentais alimenta não só a renovação da história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras da vida cotidiana dos atores sociais (LEVI, 2006, p. 169).

“O entusiasmo dos historiadores pela pesquisa no campo das narrativas biográficas e autobiográficas vem ganhando destaque nas publicações recentes no Brasil e no mundo” (SILVA, 2010, p. 341). Estes gêneros, possuem escritas de si específicas, assim como os diários íntimos, as confissões, as cartas etc.

Nesse sentido, privilegiou-se também, no presente estudo, a análise de algumas cartas, escritas por Olga Benário e endereçadas a Luiz Carlos Prestes, produzidas durante o período em que ela esteve encarcerada na Alemanha Nazista de Adolfo Hitler. A subjetividade de Olga manifestada em suas cartas revelam como se constituíam suas várias e diferentes posições de sujeito, assumidas nesses espaços de dizer.

Para Teresa Malatian (2009, p. 195), “Uma nova perspectiva historiográfica levou ao florescimento da narrativa, à revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos”. No interior desse emaranhado de práticas autorreferenciais, tem-se um tipo de escrita chamado escrita epistolar. Ângela de Castro Gomes (2004, p. 19), observou que “[...] a escrita epistolar é uma das modalidades de escrita de si que mais tem sido utilizada pelos historiadores tanto como fonte, quanto como objeto de estudo”.

Volto a dialogar com Ângela de Castro Gomes, para acrescentar que estamos cientes da complexidade de se trabalhar com missivas:

Não surpreende, por conseguinte, que os pesquisadores sintam que trabalhar com cartas é algo fácil e agradável e, ao mesmo tempo, muito difícil e complexo. A correspondência é um tipo de documentação abundante e variadíssima, mas também fragmentada, dispersa e, muitas vezes, quase inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos, profissionais) e pela invasão de privacidade que seu exame pode acarretar (GOMES, 2004, p. 21).

As cartas possuem características de “intimização” (tornar-se íntimo) da sociedade (GOMES, 2004). Decorre daí, portanto, a assertiva de Ângela de Castro Gomes (2004, p. 19), “[...] a correspondência constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto” e, também, um pedaço de sua história, social e privada.

A correspondência pessoal é um espaço revelador de ideias, sentimentos, projetos, opiniões. Desse modo, como defende Raimundo César de Oliveira Mattos (2010), “[...] cartas são instrumentos e fontes de informação e podem revelar muito do período em que foram produzidas” (MATTOS, 2010, p. 8).

Por conseguinte, com base nas elucidações de Eliane Vasconcelos (2008): “As cartas têm caráter íntimo e/ou confidencial. Logo, as informações ali registradas fazem parte do espaço privado, inviolável, onde os envolvidos são o autor ou signatário, a pessoa a quem é dirigida - o destinatário, e muitas vezes uma terceira pessoa, da qual se fala” (VASCONCELOS, 2008, p.374).

Olga escreve sobre o que se pensa, sente, almeja. Assim, o exercício de escrever proporciona um maior conhecimento do indivíduo sobre si mesmo. É uma tentativa de o autor se mostrar, com todos os seus erros e acertos, como pontua Michel Foucault (1992, p. 156): “Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”.

Com base no exposto esse estudo investiga as representações da participação de Olga Benário na política brasileira nas décadas de 1930 a 1940, levando em consideração as construções indenitárias de Olga flagradas na materialidade linguística de alguns textos biográficos, buscando interligar as formas como são descritos os sistemas de representação que estão em jogo na legitimação identitária e apagamento dos vários aspectos que identificam essa jovem militante.

E é sobre essas múltiplas representações que pretendemos, a partir das fontes a que teremos acesso, lançar inquietações:

- Quais são os discursos produzidos sobre Olga Benário no Brasil?
- Quem foi Olga Benário e qual sua relação com a história política brasileira?
- Como foi recepcionada a atuação política de Olga Benário no Brasil? Houve entraves e/ou privilégios pelo fato dela ser mulher?

- Quais as representações sobre a relação entre Olga Benário e Luiz Carlos Prestes?

Ao longo do trabalho abordamos de forma especial a figura de Olga Benário, dando ênfase às várias faces de suas representações na história política brasileira, nas décadas de 1930 a 1940. A complexidade que envolve a construção dos processos que descrevem Olga Benário despertou o interesse por uma investigação. Assim, todas as questões relacionadas à sua trajetória, tais como: as familiares, as afetivas, as de ordem intelectual e política, foram investigadas nos textos que compõem nossa análise de estudo.

Com base no exposto acima, traçamos os objetivos de pesquisa, conforme se segue.

- Analisar as representações construídas da participação de Olga Benário na política brasileira nas décadas de 1930 a 1940.
- Identificar quem foi Olga Benário e qual sua relação com a história política brasileira nas décadas de 1930 a 1940
- Apontar a construção dos processos que descrevem Olga Benário, levando em consideração as manifestações sócio históricas, culturais e ideológicas, nas décadas de 1930 a 1940.
- Problematicar as representações construídas da relação entre Olga Benário e Luiz Carlos Prestes.
- Refletir sobre os tipos de representações feitas acerca da atuação política de Olga Benário no Brasil nas décadas de 1930 a 1940.

A metodologia utilizada para desenvolver essa pesquisa, para responder as perguntas norteadoras e alcançar os objetivos propostos, se baseou em uma análise crítica de *discursos biográficos* sobre Olga Benário que serviram de base para o trabalho, e mediante essa análise, também foi realizado o cruzamento com outras fontes, tais como *filmes*, “O velho”, de Toni Venturi (1997), *cartas*, citadas na obra “Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo”, de Anita Leocádia Prestes (2017), resultado da pesquisa da autora aos dossiês da Gestapo, polícia secreta do Terceiro Reich alemão.

Nessas cartas encontra-se registrado a correspondência entre Olga e sua família durante os quase seis anos (1936-1942) em que ficou presa na Alemanha de Hitler. Dessa correspondência fazem parte numerosas cartas: nove de Olga para Prestes, seu marido, oito de Prestes para a esposa, doze de Olga para Leocádia e Lygia, respectivamente sua sogra e cunhada, e sete de Leocádia e Lygia para ela, três de Olga para as três irmãs de Prestes então residentes em Moscou e, dezesseis de uma delas, Clotilde, direcionadas à cunhada.

Outra base documental são os *jornais*, *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*, ambos do Rio de Janeiro, disponibilizados online na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Analisamos o período de 1930 a 1940, retirando as partes mais significativas e que nos auxiliaram no desenrolar desse estudo. É válido pontuar que a análise dos discursos sobre Olga visou responder nossas questões norteadoras. Dessa forma, o trabalho em questão buscou realizar uma análise, ou seja, fazer uma leitura interpretativa e crítica sobre os conteúdos e contextos que visam determinado tema.

Ressaltamos que as principais fontes que foram utilizadas nessa pesquisa são *textos biográficos*. Esse estudo visou investigar como se deu a construção e cristalização das várias posições identitárias de Olga Benário, a partir das políticas de nomeação/ predicação e de representação flagradas na materialidade linguística de alguns textos biográficos, quais sejam, as obras *Olga*, de Fernando de Moraes (1985), *Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo*, de Anita Leocádia Prestes (2017).

A obra *Olga*, do escritor e jornalista Fernando de Moraes, foi publicada primeiramente em 1985, pela editora Ômega-Alfa, ensejo em que esse projeto, a trajetória da personagem histórica Olga Benário, pôde enfim ser divulgado, pois sua publicação ocorreu ao final da ditadura militar no Brasil, quando houve abertura política e término da censura aos meios de comunicação. Segundo Moraes (1985, p. 9), seu ensaio, *Olga*, foi um projeto que ele guardou “com avareza durante os anos negros do terrorismo de Estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura”.

Fernando Gomes de Moraes nasceu em 1946, em Mariana, Minas Gerais. Atua como jornalista e escritor. Trabalhou no *Jornal da Tarde*, na revista *Veja* e em várias outras publicações da imprensa brasileira. Recebeu três vezes o prêmio Esso e quatro vezes o prêmio Abril de jornalismo. Pesquisador dedicado e exímio no tratamento de textos, publicou biografias e reportagens que venderam mais de dois milhões de exemplares no Brasil e em outros países, tornando-se um dos biógrafos brasileiros mais conhecidos da atualidade (MORAIS, 1985).

Moraes utilizou-se de entrevistas feitas com os/as ex-militantes comunistas contemporâneos(as) de Olga, principalmente do líder comunista brasileiro e seu companheiro, Luiz Carlos Prestes, sua filha Anita Leocádia Prestes, sua cunhada, Lygia, e de arquivos e documentos, em sua maioria, encontrados no exterior, em países, tais como, Alemanha, Estados Unidos, China, Rússia, Argentina, dentre outros.

Fernando Moraes na apresentação de sua obra *Olga*, comenta que a vida de Olga Benário Prestes é uma história que fascinava e o atormentava desde a adolescência, quando

ouvira seu pai referir-se a Filinto Muller, o chefe da polícia de Vargas, como o homem que “tinha dado a Hitler “de presente”, a mulher de Luiz Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses” (MORAIS, 1985, p. 7). E foi perseguido por essa imagem que Morais decidiu escrever sobre a Olga.

Essa imagem descrita por Fernando Morais sobre Olga, foi o retrato como ela ficou conhecida em todo Brasil, “a judia comunista, companheira de Luiz Carlos Prestes, que fora entregue a Hitler pelo governo Vargas”.

Fernando Morais, comenta das dificuldades para recompor o retrato de Olga. De acordo com o escritor, no Brasil não havia quase nada praticamente sobre a personagem, ficando bastante surpreso que até mesmo a historiografia oficial do movimento operário brasileiro, produzida por partidos ou pesquisadores marxistas, relegando a ela invariavelmente o papel secundário de “mulher de Prestes”.

Segundo ele, ao contrário do que ocorrera no Brasil, na Alemanha ele se depara com verdadeiro tesouro. Olga teve sua memória preservada pelos comunistas da terra, é tida como uma heroína nacional, cujo nome batiza diversas escolas e fábricas. No epílogo de sua obra, Morais ressalta (1985, p. 317), “Olga Benário Prestes dá nome a ruas de sete cidades e a noventa e uma escolas, fábricas e brigadas operárias na República Democrática Alemã. Na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo, há uma rua com seu nome”.

Publicado em abril de 2017, quando completam 75 anos da morte de Olga Benário, o livro *Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo*, não é o primeiro trabalho em que a historiadora Anita Leocadia Prestes se dedica ao reconhecimento da história de luta que é herdeira, possuindo sólida bibliografia publicada sobre o trabalho e a vida política de Luiz Carlos Prestes. Nesse trabalho, a autora se dedica à história de sua mãe, Olga Benário, militante, comunista assassinada pelo governo nazista, após sofrer anos de prisão e trabalho forçado em campos de concentração. A obra de Anita Prestes é uma complementação da história de sua mãe, resultado da pesquisa a essa documentação, digitalizada e disponibilizada para consulta pública desde 2015 por meio do Projeto Russo-Alemão para digitalização de documentos alemães nos arquivos da Federação Russa.

Anita Leocadia Prestes nasceu em 27 de novembro de 1936 na prisão de mulheres de Barnimstrasse, em Berlim, na Alemanha nazista, filha dos revolucionários comunistas Luiz Carlos Prestes, brasileiro, e Olga Benário Prestes, alemã. Autora de vasta obra sobre a atuação política de Luiz Carlos Prestes e a história do comunismo no Brasil, é doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, professora do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ e presidente do Instituto Luiz Carlos Prestes (PRESTES, 2017).

Anita Prestes nos apresenta a história de luta e resistência da jovem Olga, o objeto de seu olhar, com base em oito dossiês da Gestapo, contendo cerca de duas mil páginas exclusivas sobre a prisioneira Olga Benário, intitulado “Processo Benário”. O que a Gestapo chamou de “Processo Benário” é talvez a coleção mais extensa de documentos sobre uma única pessoa, o que permite medir a importância atribuída pelo Terceiro Reich à esta. O dossiê em questão abarca o período de cerca de seis anos (1936-1942) em que Olga esteve sob custódia da Polícia Secreta Alemã.

Diante do exposto, ao término de nossa pesquisa, estruturamos nosso trabalho em três capítulos. O primeiro, intitulado *Olga Benário: A revolucionária alemã que veio ao Brasil*, aborda a trajetória político-pessoal da vida da personagem histórica Olga Benário. Para isso, fizemos uma breve contextualização histórica sobre a estrutura política, econômica e social sob a qual Olga iniciou sua militância. É retratado sua carreira marcada pela precocidade e dedicação dentro da Juventude Comunista Internacional, o que resultou na escolha de seu nome pelo dirigente da Internacional Comunista (IC), de proteger e acompanhar o brasileiro Luiz Carlos Prestes, de volta ao Brasil, que lideraria uma insurreição popular contra o governo.

O segundo capítulo, *Olga Benário e sua relação com a história política brasileira (1930- 1940)*, aborda sobre a relação de Olga Benário com a história política brasileira na década de 1930, tendo como problema central a deportação de Olga Benário para a Alemanha Nazista. Também identificamos as representações construídas de Olga Benário na imprensa brasileira. Além disso, mostramos os possíveis alinhamentos ideológicos do presidente Getúlio Vargas com o nazismo. E ainda, analisamos como Olga era descrita pelos jornais da época, sendo tratada apenas como a “mulher de Prestes”.

Por fim, no terceiro capítulo *Escrita de si e correspondência epistolar entre Olga Benário e Luiz Carlos Prestes*, apresentamos a análise de algumas cartas, escritas por Olga Benário e endereçadas a Luiz Carlos Prestes, produzidas durante o período em que *ela* esteve encarcerada na Alemanha Nazista de Adolfo Hitler e, *ele*, no Brasil ditatorial de Getúlio Vargas. Assimilando a importância de a escrita epistolar, principalmente quando se tornou, naquele momento histórico particular, o único meio de comunicação, buscamos identificar marcas de um perfil de Olga, enquanto *mãe, esposa e militante*. Identificamos, por meio da escrita da própria Olga Benário, como se constituíam suas várias e diferentes posições de sujeito, assumidas nesses espaços de dizer.

2 OLGA BENÁRIO: A REVOLUCIONÁRIA ALEMÃ QUE VEIO AO BRASIL

*"Se outros se tornaram traidores, eu jamais o serei".
(Olga Benário Prestes)*

Para iniciar o estudo sobre a atuação de Olga Benário na política brasileira nas décadas de 1930 a 1940, é necessário primeiramente tecer um panorama sobre a sua trajetória de vida. Faremos uma breve contextualização histórica sobre a estrutura política sob a qual Olga iniciou sua militância. Esse período coincide com o intervalo entre duas grandes guerras e parte da Segunda Guerra Mundial.

Tendo em vista a tipologia *biografia e contexto*, que, segundo Giovanni Levi (2006, p. 175), é um tipo de biografia que conserva sua especificidade, no entanto, “a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias”.

As biografias que narram a vida de Olga, concomitante, contam sobre a vida de outras pessoas. Levi afirma:

Essa utilização da biografia repousa sobre uma hipótese implícita que pode ser assim formulada: qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica (LEVI, 2006, p. 176).

Em relação a isso, cada ação de um personagem é consequência do meio em que ele está inserido. Portanto, passemos agora para contextualização histórica sobre a estrutura política sob a qual Olga iniciou sua militância. Conforme Hobsbawm (2005), a Grande Guerra foi motivada pela disputa econômica entre as nações durante o período em que ele denominou “Era dos Impérios”. Após a Primeira Guerra Mundial, o ânimo dos povos dos países nela envolvidos ficou destruído. O único país que, ao contrário dos demais, emergiu com mais força foram os Estados Unidos da América.

Na presença do cenário decorrente da guerra, a humanidade aspirava por uma alternativa que substituísse a velha ordem. Essa ideia alternativa já estava sendo plantada em 1914, a Revolução Russa. A Revolução Russa surge como solução para a grande crise (HOBSBAWM, 2005).

Para Hobsbawm (2005, p. 62),

Os partidos socialistas, com o apoio das classes trabalhadoras em extensão de seus países, e inspirados pela crença na inevitabilidade histórica de sua vitória, representavam essa alternativa na maioria dos Estados da Europa [...].

Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem, substituírem o capitalismo pelo socialismo, e com isso transformarem os sofrimentos sem sentido da guerra mundial em alguma coisa mais positiva: as sangrentas dores e convulsões do parto de um novo mundo. A Revolução Russa, ou, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo esse sinal.

De acordo com o autor mencionado acima, o anarquismo, antes da Revolução Russa, era uma das correntes tradicionais cuja ideologia motivava mais os movimentos revolucionários do que o marxismo em vários lugares do mundo, principalmente na América Latina (esta era a configuração do movimento revolucionário no Brasil, onde o anarquismo era a corrente que se destacava na luta e na representação pelo/do proletariado, quando o comunismo entrou no cenário da revolução contra o Integralismo).

Após 1917, as gerações a partir desse evento tiveram como parâmetro o bolchevismo que conseguiu incorporar todas as outras tradições revolucionárias, ou empurrou elas para a margem dos movimentos radicais. A partir de então, “ser um social-revolucionário cada vez mais significava ser um seguidor de Lenin e da Revolução de outubro, e cada vez mais um membro ou seguidor de algum partido comunista alinhado com Moscou” (HOBSBAWM, 2005, p. 80).

Ainda nas palavras desse historiador,

Durante grande parte do Breve Século XX, o comunismo soviético proclamou-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele. E durante grande parte desse período, até mesmo muitos daqueles que rejeitavam suas pretensões de superioridade estavam longe de serem convencidos de que ele não pudesse triunfar. E – com a significativa exceção dos anos 1933 a 1945 [...] – a política internacional de todo o Breve Século XX após a Revolução de Outubro pode ser mais bem entendida como uma luta secular de forças da velha ordem contra a revolução social, tida como encarnada nos destinos da União e do comunismo internacional, a eles aliada ou deles dependente. (HOBSBAWM, 2005, p. 63).

Foi no bojo desse modelo econômico e social que Olga se filia ao Partido Comunista da Alemanha. Olga Gutmann Benário nasceu no dia 12 de fevereiro de 1908, em Munique, Alemanha. Oriunda de abastada família de judeus, composta pelo pai Leo Benário, advogado, participante do Partido Social-Democrata Alemão e a mãe Eugenie Gutmann Benário, uma elegante dama da alta sociedade. Desde jovem, Olga já se opunha ao governo de seu país. Foi uma jovem alemã, judia e militante do movimento comunista (PRESTES, 2017).

O início da trajetória de militância de Olga começa aos quinze anos, na clandestina Juventude Comunista, num grupo denominado “Schwabing”, que atuava nos subúrbios de Munique. A juventude comunista havia sido proibida pela polícia, e entrou na clandestinidade. Seus militantes, adolescentes de no máximo dezoito anos de idade, resolveram então criar o

grupo Schwabing, que se reunia em uma velha serraria nos subúrbios da capital de Baviera, uma vez por semana (MORAIS, 1985).

Fernando Morais (1985), comenta da reação de espanto dos jovens comunistas do Schwabing, filhos de operários, diante da solicitação de Olga para ingressar no grupo. Isto é, a presença de uma jovem garota oriunda da classe média era uma exceção frente aos demais integrantes do grupo. “Nunca, até então, um jovem da conservadora burguesia bávara tinha batido às suas portas para pedir filiação” (MORAIS, 1985, p. 28).

Além disso, outra questão pesava, Olga não era bem vista, a princípio, com bons olhos pelas lideranças do grupo, devido ao posicionamento político de seu pai, o advogado Leo Benário. Este, era um jurista de personalidade influente no Partido Social-Democrata. “Para a maioria dos comunistas alemães, não apenas a direita era considerada inimiga. Eles colocavam no mesmo saco e tratavam com o mesmo desprezo os social-democratas” (MORAIS, 1985, p. 28).

No entanto, Morais afirma que esse preconceito era improcedente. Posto que, “a própria Olga chegava a dizer que havia se transformado numa comunista não pela leitura da teoria marxista, mas folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique” (MORAIS, 1985, p. 29).

A integração de Olga se deu em pouco tempo. Morais, descreve os motivos que levaram a isso: “Além de decidida e corajosa, ela trazia do lar burguês algo que faltava aos filhos dos operários – uma excelente formação escolar. Muitos dos clássicos de que a maioria ali só tinha ouvido falar em palestras, ela já os havia lido” (MORAIS, 1985, p. 30).

Fernando Morais (1985), mostra o engajamento de Olga, a independência, a luta por seus ideais, uma militante política que se destacou pela precocidade e arrojo. O autor faz uso de adjetivos para caracterizar Olga no decorrer de toda sua obra, como os utilizados no parágrafo acima, “dedicada”, “corajosa”. Olga criticava o desinteresse dos outros colegas pelas técnicas militares e a ausência de treinamento regular, confrontava os rapazes do grupo, ao receber tarefas secundárias pelo fato de ser garota.

Segundo Morais (1985), quanto mais Olga lia os clássicos marxistas e militava no Schwabing, mais firme tornava-se sua decisão de trocar Munique por Berlim. Em 1924, Olga aos dezesseis anos, muda-se para Berlim junto de Otto Braun, líder comunista e seu namorado. Morais elenca os motivos que impulsionaram Olga a deixar Munique para Berlim:

A clientela fina e perfumada da Livraria Georg Muller, as discussões com os pais, e a própria casa começam a ficar insuportáveis. As notícias da agitação política na capital, que lia nos jornais de Berlim, incendiavam sua imaginação.

Uma fantasia que tinha nome próprio Neukolln, o bairro operário de Berlim, a “fortaleza vermelha” da esquerda alemã. (MORAIS, 1985, p. 32).

Olga saiu de casa com apenas dezesseis anos de idade, ao lado de Otto Braun, seu namorado e dirigente do Partido Comunista da Alemanha (KPD). E é sob influência do ambiente revolucionário existente em seu país, que ela se junta às lutas da juventude trabalhadora no distrito “vermelho” de Neukolln, em Berlim (PRESTES, 2017).

Segundo Morais, o Partido Comunista em 1926 reconhece formalmente os resultados do trabalho de Olga em Neukolln, e em pouco tempo ela cresce na hierarquia do Partido, sendo eleita para ao cargo de Secretária de Agitação e Propaganda em toda capital alemã.

O crescente trabalho no movimento leva Olga à prisão, em 1926, juntamente com Otto Braun. É processada por suas atividades políticas, sendo acusada de praticar crimes contra o Estado e a forma republicana de governo. O mandado de prisão preventiva a Olga é descrita por Morais (1985, p. 40) da seguinte forma:

Com base na Lei de Proteção de República, prendiam-na sob suspeita de ter cometido vários crimes: “preparação de empreendimento altamente traiçoeiro”, “tentativa de alteração pela violência da Constituição vigente”, e ‘participação em associação clandestina e hostil ao Estado, para tentar minar a forma republicana do governo”.

Nesse período vigorava a República de Weimar, nome dado por historiadores a República Parlamentar Alemã, que vigorou na Alemanha entre os anos 1919 e 1933, e configurou o período de transição entre a Primeira Guerra Mundial e o Nazismo.

De acordo com Reinaldo Mestrinel, tradutor da obra *Olga Benário*, de Ruth Werner (1990), no item “Sobre a autora”, ele discorre que o lapso temporal da República de Weimar foi marcado por diversos problemas, como a hiperinflação, extremismos políticos, presença de grupos paramilitares, hostilidade por parte daqueles que venceram a Primeira Guerra Mundial. Mas, houve também um lado positivo desse período, pois foi superado muitas das regulamentações discriminatórias do Tratado de Versalhes, reformou a moeda, política fiscal e unificou o sistema ferroviário.

Nesse período, o país passava por uma crise econômica, política e social que decompunha o país desde o fim da Primeira Guerra Mundial. E é em meio a desestabilidade política enfrentada pelos alemães que Olga se dedica mais a causa comunista, vendo como a solução para esses problemas “dedicar-se mais e mais à causa comunista” (MORAIS, 1985, p. 17).

Olga permanece cerca de dois meses encarcerada. Otto Braun ficou preso até 1928, quando Olga executa o plano de invadir a prisão de Moabit, onde Otto estava preso para libertá-

lo. A ousadia dessa atividade e êxito deram notoriedade a Olga. Os dois tornam-se procurados pela polícia sob acusação de alta traição à pátria e fogem para a União Soviética (MORAIS, 1985).

Segundo Anita Prestes (2017), nos períodos em que esteve em Moscou aprofundou sua militância em conhecimentos da teoria marxista e recebe treinamento militar. Olga passa a frequentar cursos intensivo de inglês, francês, melhora seus conhecimentos de russo, aprende a atirar com armas pesadas e leves, cavalgar (MORAIS, 1985). Conforme Moraes, Olga é aclamada pelo V Congresso da Juventude Comunista Internacional como membro do Presidium, “o mais alto degrau da hierarquia de uma organização comunista” (MORAIS, 1985, p. 53).

Olga era apontada pelos dirigentes da Komintern, como uma das mais vertiginosas carreiras dentro da Juventude Comunista Internacional. Olga com apenas vinte e seis anos de idade, era considerada pelos seus superiores uma bolchevique completa: falava fluente quatro idiomas, conhecia a fundo a teoria marxista-leninista, atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de paraquedas, cavalgava e já tinha dado provas indiscutíveis de coragem e determinação (MORAIS, 1985).

Devido ao seu prestígio, em 1934, ela é encarregada por Dimitri Manuilski, dirigente da Internacional Comunista (IC), de proteger e acompanhar o revolucionário brasileiro Luiz Carlos Prestes, de volta ao Brasil, que lideraria uma insurreição popular contra o governo. Recém aceito no Partido Comunista Brasileiro (PCB), o famoso “Cavaleiro da Esperança” voltava a participar da luta antifascista, mas teria de atuar na clandestinidade, pois fora acusado de ser desertor do Exército e seria preso se chegasse legalmente a seu país (PRESTES, 2017).

Luiz Carlos Prestes havia se tornado um mito da oposição política brasileira no Brasil nos anos vinte devido sua participação no movimento tenentista. Sua fama se deve ao fato de uma jornada empreendida por ele e mais seiscentos e vinte homens, percorrida de pé ou a cavalo, por doze estados brasileiros no período de dois anos e seis meses. O objetivo da coluna era protestar contra as medidas do presidente vigente Arthur Bernardes. Esse movimento ficou conhecido como a “Coluna Prestes”, que invicta chegou ao seu exílio, na Bolívia, liderada pelo já conhecido “Cavaleiro da Esperança”, alcunha dada a Luiz Carlos Prestes (MORAIS, 1985).

Segundo Marly de Almeida G. Vianna (2003), nessa época, em 1934, Prestes já havia sido admitido como membro do PCB e participou da Conferência ocorrida em Moscou, conhecida como a Terceira Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe. Nessa ocasião, o secretário geral do PCB, Maciel Bonfim, o “Miranda”, “entusiasmou

a direção do governo Kominter ao afirmar que a revolução estava para eclodir no Brasil a qualquer momento e o PCB pronto para dirigi-la” (VIANNA, 2013, p.76).

Marly de Almeida G. Vianna (2003), comenta que Miranda mentiu sobre a conjuntura brasileira. No entanto, o responsável pela IC da América Latina, Dimitri Manuilski maravilhado com as mentiras de Miranda, deu o aval para a construção de um movimento revolucionário no Brasil, e determinou o retorno de Prestes para comandar a revolução. “Para acompanhar Prestes a IC destacou a revolucionária Olga Benário, que apesar de jovem já tinha experiência e tradição de luta e coragem” (VIANNA, 2013, p. 80).

Nesse período, o Brasil estava sob o comando de Getúlio Vargas. O governo Vargas era apoiado pela Ação Integralista Brasileira (AIB), que defendia a consolidação de um governo centralizado, o qual conduziria a nação a um “grande destino”. Esse destino, segundo os integralistas, só seria possível com o fim das liberdades democráticas, perseguição dos movimentos comunistas e a intervenção máxima do Estado na economia (MAIO; CYTRYNOWICZ, 2003).

Nessa conjuntura, conforme Marly de Almeida G. Vianna (2003), começa a se tornar realidade no Brasil a articulação de uma frente antifascista-antiintegralista, denominada Aliança Nacional Libertadora (ANL), liderada pelos tenentes da esquerda descontentes com os rumos da Revolução de 1930. Em meio às lutas democráticas e a repressão contra elas – sobretudo, a repressão policial ao I Congresso Nacional contra a Guerra Imperialista e o Fascismo, realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1934 – as forças opositoras de Vargas constituíram um Comitê Jurídico Popular de Investigação, que foi lançado a 22 de setembro de 1934. “O comitê passou a articular uma grande frente anti-imperialista e antiintegralista, que agrupasse todas as forças e instituições democráticas e que viria a transformar-se na ANL” (VIANNA, 2003, p. 80).

Segundo essa mesma autora (VIANNA, 2003, p. 81), “A ANL foi lançada, a 30 de março de 1935, em grande comício realizado no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, ocasião em que o nome de Luiz Carlos Prestes foi aclamado como presidente da honra da ANL”.

De acordo com Marly de Almeida G. Vianna (2003), a ANL foi reconhecidamente a maior organização de massas que o país já teve, organizou centenas de núcleos em todo o Brasil, a grande maioria era no Rio de Janeiro. Desse modo, a autora afirma que o sucesso da ANL assustou o Governo Vargas, que teve como primeira reação a promulgação da lei de Segurança Nacional (LSN) em abril de 1935.

Assim, após a derrota do levante de 1935, a tentativa comunista de tomar o poder e depor o governo de Getúlio Vargas. O governo cria a Comissão de Repressão ao Comunismo,

e pede “a ajuda do Intelligence Service Inglês e da Gestapo nazista para identificar os revolucionários estrangeiros, e o chefe da polícia, Filinto Strubing Muller, iniciou uma brutal repressão” (VIANNA, 2003, p. 97).

Nesse contexto, após derrota da insurreição armada em 1935, o governo desencadeou uma dura repressão, milhares de pessoas foram presas e torturadas. Iniciam-se perseguições e caças aos “inimigos” pela polícia política desse governo, comandada por Filinto Muller. Segundo Carneiro (1995), a justificativa dada por Getúlio Vargas apresentada em seu discurso intitulado “Palavras aos brasileiros”, proferido no Rio de Janeiro em 1936, para a punição dos culpados pelo levante de novembro que envolveu mortes, deportações, traições, suicídios e torturas, foi que essas medidas tomadas eram legítimas frente à ameaça à ordem social do país que representavam os “inimigos” e figuras indesejáveis cuja atuação, para esse governo, era criminosa.

Após a derrota dos levantes antifascistas de 1935, Olga e Prestes foram presos em março de 1936, no Rio de Janeiro, pelo chefe da polícia de Vargas, o capitão Filinto Muller. Olga de início é presa no Brasil, e pouco tempo depois, foi extraditada para seus país de origem, a Alemanha, grávida de sete meses de um filho de Prestes. (MORAIS, 1985; PRESTES, 2017).

Fernando Morais (1985), concebe que Olga foi entregue “de presente” pelo Governo brasileiro a Hitler. Tal fato demonstra as boas relações entre Vargas e a Alemanha nazista, naquele momento.

Além de Olga ser comunista, era judia, fato que pesava ainda mais, e era do conhecimento do governo de Getúlio Vargas. Na perspectiva de Carneiro (1995, p. 97), a situação de Olga tinha vários complicadores:

Ser mulher, judia, conspiradora, militante comunista e corajosa. Tudo ao mesmo tempo, o que intrigava e instigava a polícia. Polícia liderada por Filinto Muller, que, por sua vez, era anti-semita, pró-nazista e anticomunista. E, como tal tinha livre trânsito junto ao governo, que não escondia suas simpatias pelos ‘ismos’ que dominavam a Europa.

A expulsão de Olga foi apenas uma ação, dentre várias, realizadas pelo governo Vargas, contra os judeus. Fernando Morais (1985), faz referência ao caso Genny, uma militante judia romena, identificado por ele como “um entre centenas de casos de expulsão de estrangeiros indesejáveis de que Olga tivera notícia”. Morais, descreve a trajetória desta militante deportada pelo governo Vargas cujo desfecho foi acompanhado por Olga, ainda em liberdade, pelos noticiários dos jornais. Morais (1985, p. 207), descreve o “Caso Genny Gliesser:

Depois de manter presa durante quatro meses, sob a vaga acusação de ‘subversão’, o governo Vargas decidira deportar uma garota de 17 anos, Genny Gleizer, judia romena, apesar da manifestação de centenas de

sindicatos e associações de estudantes e intelectuais tanto do Brasil como do Exterior. Durante o processo de expulsão de Genny, a opinião pública testemunhara alguns gestos comoventes de solidariedade. Quando se anunciou, por exemplo que se ela casasse com um brasileiro as leis a protegeriam da deportação, vários escritores e intelectuais se ofereceram como voluntários. Num comício pela libertação de Genny, no centro de São Paulo – onde tinha sido presa – o estudante Paulo Emílio Salles Gomes anunciou que sairia do palanque diretamente para o cartório, em busca de um juiz que oficializasse seu casamento com a garota. Chegou tarde. O jornalista Artur Piccinini, que acompanhava ‘caso Genny’ para o diário *A Platéia*, tomara-lhe a frente e havia solicitado ao juiz de Paz do bairro da Sé, na capital paulista, a publicação dos proclamas para seu matrimônio. Insensível a tudo isto, em outubro de 1935 o governo deportou Genny Gleizer para a Europa.

Rodrigo Motta (1998), no seu artigo *O mito da conspiração judaico-comunista*, fala da relação entre os judeus e o comunismo. A associação da militância revolucionária e do comunismo à figura do judeu, apresentado como artífice máximo do “perigo vermelho”, tendo levado ao estabelecimento de um construtor mitológico sobre a existência de uma suposta conspiração dos judeus visando instaurar a ditadura comunista.

Segundo Rodrigo Motta (1998), os defensores dessa tese da conspiração judaico-comunista transformaram o comunismo em uma invenção dos judeus, que fariam revolução a fim de estender seu poder pelo mundo todo. O contexto produzido pelo impacto da Revolução bolchevique, associado ao quadro social caótico emergente na Europa pós-Grande Guerra, forneceu combustível para o estabelecimento de uma extraordinária onda antissemita e anticomunista, dando origem ao mito da conspiração judaico-comunista. Neste sentido, foi no período crítico compreendido pelas décadas de 1920 e 1930 que “[...] teve origem a campanha antissemita mais violenta jamais conhecida, a qual estava, obviamente, vinculada à criação e ascensão ao poder dos movimentos nazifascistas” (MOTTA, 1998, p. 98).

Na visão de Rodrigo Motta (1998, p. 98):

A profundidade da crise e a complexidade dos problemas enfrentados tornava atraente o recurso ao mito conspirativo: alguém, alguma força terrível, deveria ser responsável pela situação. A introdução da temática comunista foi uma das principais inovações e sua importância foi muito grande, a ponto de podermos falar na constituição do mito da conspiração judaico-comunista. Os dois “elementos”, judeu e comunista, foram aproximados pelo discurso nazista e transformados nos grandes vilões, artífices e verdadeiros promotores do caos e da destruição. A proposta comunista não seria uma utopia positiva e generosa, voltada para a conquista do bem estar dos povos e da igualdade social.

Neste contexto, os nazistas destacaram-se como os principais disseminadores do antissemitismo, um dos elementos básicos de seu ideário. Desse modo, “judeu e comunista,

foram aproximados pelo discurso nazista e transformados nos grandes vilões, artífices e verdadeiros promotores do caos e da destruição” (MOTTA, 1998, p. 98).

Na visão dos autores Maio e Cytrynowicz (2003), no período entre guerras diversos movimentos fascistas foram fundados na Europa e nas Américas. A ascensão do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha criou as condições políticas e ideológicas para o surgimento de partidos similares nos governos da América Latina.

Hobsbawm, nos aponta que o fascismo deixou marcas evidentes na política dos governos da América Latina. Esse historiador escreve:

Mas, visto do outro lado do Atlântico, o fascismo sem dúvida parecia a história de sucesso da década. Se havia um modelo no mundo a ser imitado por políticos promissores de um continente que sempre recebera inspirações das regiões culturalmente hegemônicas, esses líderes potenciais de países sempre a espreita da receita para tornar-se modernos, ricos e grandes, esse modelo certamente podia ser encontrado em Berlim e Roma, uma vez que Londres e Paris não mais ofereciam muita inspiração política, e Washington estava fora de ação. (HOBSBAWM, 2005, p. 137).

No Brasil, a relação de Getúlio Vargas com o fascismo fica visível nas medidas tomadas em seu governo, “legislação social, propaganda política, representação corporativista, e até mesmo o anti-semitismo se fez presente em certas esferas, sobretudo na política de imigração” (CAPELATO, 2003, p. 135).

Destarte, a perseguição e expulsão de Olga do território brasileiro não estava intrinsecamente relacionada a figura de Luiz Carlos Prestes. O fato de ser uma judia e comunista pesava muito, como já fora dito. Além disso, após o governo federal brasileiro ter em mãos a ficha completa sobre as atividades desempenhadas por Olga, a serviço da Comintern, ela constituía, por isso, “uma ameaça direta à segurança e à ordem pública”.

Na Alemanha, Olga foi primeiramente conduzida para a prisão das mulheres de Barnimstrasse. “No sétimo mês de gravidez, a 23 de setembro de 1936, Olga Benário Prestes foi embarcada à força no navio cargueiro alemão *La Coruña* rumo a Hamburgo” (PRESTES, 2017, p.20). Juntamente com Olga era extraditada também Elise Ewert, esposa do dirigente comunista alemão Arthur Ewert.

Anita Leocádia Prestes (2017), fala que após a chegada de Olga na prisão feminina de Barnimstrasse, em Berlim, foi mantida inicialmente em prisão preventiva, “foi expedida a ordem de recebimento de “denúncia”, de “prisão preventiva”, sob a acusação de “conspiração e alta traição” (PRESTES, 2017, p. 25). Alegava-se que Olga Benário era “altamente suspeita de desempenhar funções para o ilegal KPD ou para o Comintern [Kommunistische

Internationale – Internacional Comunista]” e constituía, por isso, “uma ameaça direta à segurança e à ordem pública” (PRESTES, 2017, p. 25).

De acordo com Anita Leocádia Prestes (2017), a Gestapo justificava o tratamento rigoroso aplicado a Olga por ser a prisioneira judia e “comunista perigosa”, mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes, e, desse modo, jamais deveria ser liberta.

Anita Leocádia Prestes (2017), nos apresenta a militância de Olga marcada pelo idealismo, pelo compromisso com a causa revolucionária. Nas palavras dessa autora: “Na prisão, sem poder corresponder-se com a família ou amigos, Olga sempre se recusou a prestar qualquer declaração que pudesse incriminar os companheiros tanto da Alemanha, quanto no Brasil” (PRESTES, 2017, p. 25).

No dia 27 de novembro de 1936, na enfermaria da prisão de Barnimstrasse, ocorre o nascimento de sua filha, Anita Leocádia, pouco mais de um mês após a chegada de Olga a Alemanha. Para Anita Prestes, os fatores emocionais foram determinantes para o seu nascimento, além disso, a historiadora ainda descreve o rigor da Gestapo com Olga, que lhe nega até mesmo informar o nascimento da filha para o marido e família. Segundo Anita Prestes (2017, p. 26),

[...] A coragem e o extraordinário controle emocional de Olga permitiram que a criança nascesse forte e saudável. [...] O nascimento da criança permaneceu desconhecido da família e do público durante vários meses: embora Olga tivesse tentado registrá-la como brasileira na embaixada do Brasil em Berlim, a solicitação foi negada tanto pela Gestapo quanto pelo Itamaraty.

Nessa época, segundo Anita Prestes (2017), desde a prisão de Prestes e Olga, a mãe de Prestes, Leocádia Prestes, já havia iniciado uma campanha internacional, denominada Campanha Prestes, pela liberdade do filho e da nora. Quando a extradição de Olga e Elise Ewert se tornou de conhecimento público, imediatamente a campanha se estendeu em prol das duas prisioneiras.

De acordo com Anita Prestes, a Campanha Prestes mobilizou setores da sociedade e imprensa por várias partes do mundo. Leocádia e Lygia (cunhada de Olga) e, diversas personalidades destacadas, se pronunciaram enfrentando a rigidez da SS (braço militar nazista que supervisionava a Gestapo). Elas exigiam: tratamento adequado a Olga e Elise, a divulgação de notícias sobre a situação das prisioneiras, a imediata libertação delas. Vale ressaltar que a divulgação de notícias sobre a situação das prisioneiras e o nascimento do bebê de Olga, eram tratadas com sigilo, pela SS, durante meses após a extradição.

Anita Prestes (2017, p. 27-28) comenta sobre a repercussão da Campanha Prestes:

Com a notícia da extradição de Olga e Elise, as autoridades do Terceiro Reich, inclusive o próprio Adolf Hitler, foram bombardeados com telegramas, cartas e mensagens. Personalidades e organizações humanitárias de países europeus e dos Estados Unidos cobravam informações sobre as prisioneiras, denunciando sua incomunicabilidade e exigindo sua libertação. Muitos desses pronunciamentos foram publicados na imprensa dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e de outros países.

Morais (1985), reitera sobre a luta de Dona Leocádia para libertar Olga e Anita e do extremo rigor da carceragem de Barnimstrasse, “onde Olga sequer fora informada que a sogra estava no país” (MORAIS, 1985, p. 250). De acordo com esse mesmo autor, por volta de 1937, Leocádia retorna a Alemanha, acompanhada de duas advogadas britânicas, May Miller e Katheen Kimber, e foram à sede da Gestapo. Entretanto, não obtiveram sucesso, pois os homens do serviço secreto não aceitavam discutir a hipótese da libertação de Olga. Em relação ao destino da Anita, insistiam em que essa era uma questão a ser tratada apenas “com os parentes dela”, condição em que se recusavam a reconhecer em dona Leocádia, alegando não haver qualquer papel que comprovasse o casamento de Olga com Prestes” (MORAIS, 1985, p. 250).

Desse modo, sem certidão o governo não reconhecia o casamento e, por consequência, o parentesco entre Dona Leocádia e Olga ou Anita. Os oficiais da polícia nazista alegavam que só havia uma pessoa em condições legais de tratar dos interesses de Olga e Anita, e essa pessoa era sua mãe, Eugenie Gutmann Benário. Tendo em vista que, o advogado Leo Benário faleceu anos antes (MORAIS, 1985).

Nesse contexto, dona Leocádia procura Eugenie Benário em Munique para conseguir ajuda para melhorar a situação de Olga e Anita. Anita Prestes (2017, p. 43), fala que: “Em Munique, a mãe de Olga não recebeu Leocádia e a delegação inglesa, alegando que o destino da filha e da neta não lhe interessava”.

Ao mesmo tempo, de acordo com Anita Prestes (2017), Eugenie Benário, foi interrogada pela polícia de Munique, onde residia. Na ocasião, declarou que desde 1926 nada sabia da filha, tida pelos familiares como desaparecida. Disse ainda não aceitar a orientação comunista de Olga, que seria uma “fanática”, e que se retomaria qualquer contato com ela se esta desistisse do comunismo, algo em que não acreditava” (PRESTES, 2017, p. 45).

Segundo Anita Prestes (2017), Eugenie informou às autoridades policiais que não se dispunha a ajudar a filha ou a neta, se caso o pai desta ser ou ter sido comunista. Desse modo, recusou assumir a guarda da neta.

Logo, é notório a relação conflituosa entre Olga e a mãe. Fernando Moraes (1985), comenta sobre a contraste relação de consideração de Olga com seus pais. Ao falar do pai não escondia o carinho que sentia por ele, já a sua mãe a situação era divergente, ela mencionava

com “frieza e economia de palavras” (MORAIS, 1985, p. 29). Talvez a justificativa para distanciamento de sua mãe, seja o fato de que Eugenie Benário visse com horror a perspectiva da filha torna-se comunista. É importante ressaltar que em nenhum momento é mencionado que o pai, Leo Benário, aprovava ou desaprovava a militância de Olga, contudo, ele não renega a filha, assim como Eugenie fez.

Mas, nesse momento também devemos considerar algumas questões sobre o relacionamento entre mãe e filha. Olga exerceu seu papel de boa filha? Não tivemos acesso à informações em que dona Eugenie fale sobre a ausência que sentia de uma relação íntima com a filha. Nos dois ensaios utilizados aqui como fontes de pesquisa, percebemos que Olga de forma indireta acabava por passar mais tempo com o pai, devido ao seu interesse pelos casos do advogado.

Com uma carreira de militante destacada pela precocidade e dedicação, é provável que Olga tenha que ter abdicado algumas coisas para se dedicar a militância. Contudo, é válido ressaltar que essas indagações não são objetivos desse trabalho.

Dando continuidade, depois de muitos e insistência com a Gestapo, dona Leocádia consegue a liberdade de Anita, já com quatorze meses de vida. Na visão de Anita Prestes (2017, p. 53), “A libertação de Anita das garras do nazismo resultou indiscutivelmente da influência e da pressão mundial da Campanha Prestes – uma grande vitória da solidariedade internacional”.

Logo após ter sido separada de sua filha, em 18 de fevereiro de 1938, Olga foi transferida para o campo de concentração de Lichtenburg. Depois de passar por Lichtenburg, em maio de 1939, foi transferida para Ravensbrück. Nos campos de concentração onde Olga foi mantida, passou por dificuldades para comunicar-se com a família, tendo sido por diversas vezes interrogada com uso de tortura, além de ter sofrido punições com restrições alimentares e castigos corporais por resistir aos trabalhos forçados com rebeldia e por ter sido solidária na defesa das companheiras mais fracas (PRESTES, 2017).

Anita Prestes (2017), reitera a imagem de Olga firme, corajosa, comprometida com sua militância. “Conforme os documentos que fazem parte do Arquivo da Gestapo, Olga jamais se prestou a deletar quem quer que fosse, nem confessar sua atuação nas atividades da Juventude Comunista Internacional e/ou Comintern” (PRESTES, 2017, p. 72).

A situação de Olga Benário pelos campos de concentração piora com a intensificação de perseguição aos judeus. Em abril de 1942, Olga foi transferida junto com outras presas para o campo de concentração de Bernburg, onde foi morta em câmara de gás, vítima do genocídio assim, como tantos outros milhares de homens, mulheres, crianças. “Considerada uma

“comunista perigosa”, carregava também a pecha de judia – estava, portanto, destinada a ser contemplada pelos planos nazistas da “solução final” (PRESTES, 2017, p.75).

Embora não tenha vivido muito (faleceu aos 34 anos), Olga Benário Prestes teve uma vida intensa e conturbada. A militante política foi uma mulher determinada desde muito nova, não medindo esforços na luta contra o nazi-fascismo. “Era uma comunista convicta, disposta a fazer qualquer sacrifício na luta pela revolução mundial” (PRESTES, 2017, p. 17).

Assim, atuou na Alemanha, União Soviética e Brasil, deixando um legado de resistência e luta por seus ideais humanitários. “Transformada pelos dirigentes do KIM numa espécie de exemplo de jovem comunista ideal” (MORAIS, 1985, p. 49). A *Kommunisti Internationali Molodoi* (KIM) é uma versão do Comintern para a Juventude Comunista Internacional (MORAIS, 1985).

3 OLGA BENÁRIO E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA POLÍTICA BRASILEIRA (1930- 1940)

“Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”.
(Olga Benário Prestes)

Este capítulo aborda sobre a relação de Olga Benário com a história política brasileira na década de 1930, tendo como problema central a deportação de Olga Benário para a Alemanha Nazista. Também iremos identificar as representações construídas da relação entre Olga Benário e Luiz Carlos Prestes. Além disso, visamos compreender e esclarecer as nuances do governo de Getúlio Vargas ao longo dos anos 1930, os possíveis alinhamentos ideológicos do presidente Getúlio Vargas com o nazismo. E ainda, analisar como Olga era descrita pelos jornais da época, sendo tratada apenas como a “mulher de Prestes”.

Como é explanado pela historiadora Anita Leocádia Prestes (2017), Olga e Prestes foram perseguidos pela polícia política do governo de Getúlio Vargas desde 1935 em vista de sua participação nos levantes antifascistas daquele ano. Em 5 de março de 1936 foram presos na cidade do Rio de Janeiro. A prisão de Olga e Prestes e a posterior deportação para a Alemanha nazista de Olga Benário são acontecimentos que marcaram a História do Brasil nas décadas de 1930 e 1940, estabelecendo relação com a política internacional daquele período.

Conforme Anita Leocádia Prestes (2017), uma vez no Brasil, Luiz Carlos Prestes, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e presidente de honra da ANL (Aliança Nacional Libertadora), organizou um levante contra o governo de Getúlio Vargas. Esse levante, conhecido como Levante Comunista de 1935, foi um golpe militar iniciado a partir de levantes militares em três cidades brasileiras (Natal, Recife e Rio de Janeiro), em novembro de 1935. O golpe, entretanto, fracassou.

Segundo Boris Fausto (2010), a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, os movimentos e ideais totalitários e autoritários começaram a ganhar força na Europa. “Em 1922, Mussolini assumia o poder na Itália; Stalin vai construindo seu poder absoluto na União Soviética; o nazismo se tornou vitorioso na Alemanha, em 1933” (FAUSTO, 2010, p. 353).

Nesse contexto, Marly Vianna (2003) considera que o autoritarismo que se espalhava pelo mundo, tinha fortes raízes no Brasil. Ou seja, as ideias nazifascistas conquistaram adeptos rapidamente por aqui. A conjuntura nacional daquele período era a do governo Vargas, em finais do período conhecido como Governo Constitucional (1934-1937) e ao longo do período conhecido por Estado Novo (1937-1945). Para Maio e Cytrynowicz (2003, p. 41),

O período entre 1930 e 1937 se caracteriza por um quadro de imprevisibilidades no terreno político. O ambiente de indefinições que compreendeu o intervalo entre a crise de hegemonia das oligarquias da República Velha e fechamento político que culmina no Estado Novo favoreceu o surgimento de projetos radicais e mobilizações que tentaram galvanizar a sociedade com a ideia de mudança.

Era um momento no qual movimentos políticos ganhavam proporções ainda desconhecidas na História do Brasil, tal como a Ação Integralista Brasileira (AIB), de caráter fascista, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) de inspiração antifascista.

De um lado, a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em 7 de outubro de 1922, com nítidas simpatias pelo fascismo internacional. Para Maio e Cytrynowicz (2003), comunismo, democracia, liberalismo, capitalismo internacional, judaísmo, e maçonaria eram considerados os principais inimigos da AIB. No qual os integralistas tinham como lema “Deus, Pátria e Família”. Plínio Salgado, Gustavo Barroso eram expressões visíveis desse agrupamento ideológico.

Os autores Maio e Cytrynowicz (2003) elencam que os integralistas foram parceiros importantes de Vargas no combate ao liberalismo e ao comunismo. Embora com diferenças acentuadas, tanto o Nazismo na Alemanha como o integralismo no Brasil tinham como objetivo em seus projetos político-ideológicos combater o comunismo. Na perspectiva de Igor Gak (2011), o governo de Getúlio Vargas estabeleceu níveis de relação com líderes integralistas, além de manter estreitas relações com a Alemanha nazista em razão do anticomunismo semelhante aos dois governos.

No lado oposto aos integralistas, como é descrita por Marly Vianna (2003), emergia, em 30 de março de 1935, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) de inspiração antifascista e antiintegralista, tendo como presidente de honra Luiz Carlos Prestes. Formada por amplos setores da sociedade, como profissionais liberais, operários, estudantes, membros de organizações feministas, culturais e militares. A ANL almejava a independência nacional através da luta contra o imperialismo e o latifúndio e na defesa da democracia para o país. Embora houvesse quadros do PCB na ANL, eles não detinham a hegemonia no movimento.

Nesse cenário, de acordo com Fernando Morais (1985), Luiz Carlos Prestes aclamado como presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora (ANL), encorajava uma revolução em oposição ao governo. Em pouco tempo, os aliancistas organizaram uma tentativa de insurreição contra o governo Vargas, comandada por Prestes, que ficou conhecida como Intentona Comunista.

Após as derrotas dos levantes antifascistas de novembro de 1935, Getúlio ordenou a prisão de Prestes e sua companheira, até então desconhecida pelas autoridades policiais. Em conformidade com Fernando Morais (1985), Olga e Prestes foram presos em uma noite de 5 de março de 1936, no bairro do Meyer, no Rio de Janeiro, separados para nunca mais se verem.

Como é delineado no ensaio de Fernando Morais (1985), a embaixada do Brasil em Berlim mantinha estreitas relações com o comando da polícia secreta nazista, a Gestapo. Ao descobrirem a verdadeira identidade de Olga, ela é extraditada para a Alemanha nazista, mesmo estando grávida de um cidadão brasileiro. Pelas leis em vigor no Brasil, ela tinha o direito de permanecer no Brasil, pois teria um filho brasileiro, com fundamento na legislação civil – o art. 4º do Código Civil de 1916 (revogado): "A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro". E na Constituição de 1934 – o art. 113: "A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à subsistência, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: - nº 28: "Nenhuma pena passará da pessoa do delinquente". E o art. 141: "É obrigatório, em todo o território nacional, o amparo à maternidade e à infância, para o que a União, os Estados e os Municípios destinarão um por cento das respectivas rendas tributárias".

Pontuava-se que a expulsão da gestante e do feto, nesse período, equivalia à sentença de morte, ao mesmo tempo para a mãe e para o filho. O decreto de expulsão era inconciliável com o texto constitucional, que tornava obrigatório a prestação estatal de zelo às gestantes e, igualmente, vedava a pena de morte, tornando-se instrumento claro de sacrifício de direitos fundamentais, nos quais: a maternidade e a vida.

Mas, o cidadão brasileiro em questão era Luiz Carlos Prestes. Assim, Fernando Morais (1985) afirma que Getúlio Vargas e seu chefe de polícia Filinto Müller, viram na possibilidade de extraditar Olga, mesmo grávida, para Alemanha, uma maneira de torturar psicologicamente Prestes. Nesta lógica, para Anita Prestes (2017), devido ao prestígio internacional de Prestes, desaconselhava-se que lhe fossem infligidas torturas físicas aplicadas aos demais prisioneiros políticos da época.

Fernando Morais retrata que Olga não se importava de continuar na prisão, pois sabia que um dia ela e Prestes acabariam sendo libertados. No entanto, o que a aterrorizava era a perspectiva de ser enviada ao seu país de origem, Alemanha. Cair nas mãos de Hitler era o fim de tudo, uma vez que além de judia, era comunista. De acordo com o autor, Olga "ouvira notícias de que desde a revolta de Getúlio Vargas devolvera à Europa centenas de "estrangeiros indesejáveis" (MORAIS, 1985, p. 174).

Desse modo, percebemos que a perseguição a Olga não estava intrinsecamente relacionada a figura de Luiz Carlos Prestes. O fato de ser uma judia e comunista pesava muito.

Nos anos 1930, segundo Ana Maria Dietrich (2007, p. 172) “Com relação a acordos políticos, havia veladamente uma caça aos comunistas e a troca de informações entre as polícias secretas de Alemanha e Brasil, além da expulsão de alguns judeus comunistas, como foi o caso de Olga Benário”.

Nesse contexto, Ana Maria Dietrich (2007) afirma que, como maneira de otimização e mesmo como variável de negociação entre Brasil e Alemanha, foi possível o partido nazista alemão se instalar e funcionar durante 10 anos no Brasil (1928-1938), oito anos de funcionamento durante a chamada Era Vargas (1930-1945). “No âmbito internacional, o país visava incentivar as relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e a Alemanha por intermédio dos partidários presentes na Embaixada e representações consulares da Alemanha no Brasil” (DIETRICH, 2007, p.160).

Ana Dietrich (2007) aponta que o treinamento de policiais brasileiros pela Gestapo e a caça ao chamado “perigo vermelho” (comunismo) foram pontos de convergência na política de repressão dos dois países.

Ademais, como é afirmado por Fernando Novais (1985) Olga se manteve firme e negou-se a prestar quaisquer informações sobre sua verdadeira identidade às autoridades, em todos os interrogatórios a que fora submetida. Nos primeiros dez dias de prisão, ela passa por um destes interrogatórios e repetia até a irritação, a mesma coisa:

E a sua nacionalidade?

A essa pergunta do delegado Olga respondeu prontamente:

-Brasileira.

-Brasileira?!

-Sim, pois sou casada com um brasileiro (A COMPANHEIRA..., 1936, p. 01).

Esse episódio foi publicado no *Diário de Notícias*, em 20 de maio de 1936, o qual dava uma enorme atenção ao sucedido, publicado na capa, em letras grandes, o título “A companheira de Prestes”, acompanhado de uma foto de Olga Benário com o interrogador da polícia.



Figura 01: Olga Benário sendo conduzida por policial para ser interrogada na Polícia Central. Rio de Janeiro, 1936. Fonte: Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Após a prisão de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário, um dos temas que mais intrigavam a polícia do capitão Filinto Müller e o governo de Vargas era descobrir a verdadeira identidade de Olga, a mulher do chefe comunista brasileiro. No entanto, o mistério acerca da sua verdadeira identidade duraria pouco, pois havia um acordo diplomático entre o governo de Vargas e a Alemanha Nazista que “previa troca de informações sobre movimentações comunistas internacionais e intercâmbio de experiências entre a polícia política brasileira e alemã (Gestapo)” (GAK, 2011, p.51).

Nas palavras de Moraes (1985, p.175):

A embaixada do Brasil em Berlim mantinha estreitas e amistosas relações com o comando da polícia secreta nazista, a Gestapo, e o embaixador José Joaquim Moniz de Aragão brindava seus superiores no Brasil com preciosas informações que obtinha nos quartéis da organização.

Logo, a notícia de todos os dados sobre a verdadeira identidade de Olga e seus antecedentes políticos foram estampados nos jornais *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*. No *Correio da Manhã*, em 01 de maio de 1936, a notícia era acompanhada de uma foto de Olga, com o título da matéria, em letras grandes, “A companheira de Prestes”:

A companheira de Prestes: Conhecida a sua identidade e seu verdadeiro nome. Olga Meirelles ou Maria Bergner Villar ou Maria Prestes, a companheira do ex-capitão.

Está ainda na lembrança de todos a rumorosa prisão de Luiz Carlos Prestes, em uma manhã, no começo de março deste anno, na casa n. 279 da rua Honorio. Na diligencia ali realizada, não só Luiz Carlos Prestes foi preso, mas também uma sua companheira, que, ouvida pelo delegado Bellens Porto, declarou chamar-se Maria Prestes e ser casada com o militar preso. Da identidade della pouco conhecia a polícia e a companheira de Prestes afirmava ser brasileira por se ter casado com brasileiro. Posteriormente, as nossas autoridades enviaram as policias dos vários paizes do continente e da Europa as fichas dactyloscópicas e o retrato de Maria Prestes, para que fosse conseguida sua verdadeira identidade. Após algum tempo decorrido, chegaram informações completas sobre a companheira inseparavel de Prestes. Nascida em Munich no anno de 1908, conta ella presentemente 28 anos de idade, sendo seu verdadeiro nome Olga Benário. [...] Em Moscou, onde esteve com o nome de Eva Gruger, exerceu sua actividade no Komintern. Agitador desde 1921, Otto Bauer, seu amante, foi deputado ao Reichstag, e chefe do partido communista da Turingia. Usa ella os nomes de Olga Meirelles, Yvone Villar, Maria Villar, Eva Gruger, Maria Bergner e Maria Prestes (A COMPANHEIRA DE PRESTES..., 1936, p. 3).

A matéria do *Correio da Manhã* falava desde o nascimento de Olga em Munique, Alemanha, em 1908, sua vida de militância comunista a serviço da Komintern, as aventuras vivenciadas ao lado do namorado Otto e da vinda ao Brasil até a prisão na rua Honório, no Rio de Janeiro. O jornal publicou uma longa notícia descritiva sobre Olga, mas, sem acusar ou enaltecer seus atos.

No *Diário de Notícias* o tratamento era semelhante. Publicado com a seguinte titulação “Esclarecida a identidade de Olga Bergner: Nascida em Munich usava vários nomes em serviço da Komintern”. O jornal também trazia uma extensa e descritiva matéria sobre a mulher que mantinha relações com o “Cavaleiro da Esperança”:

Luiz Carlos Prestes, ao ser preso, tinha em sua companhia uma mulher bem falante e calma, que declarou na polícia chamar-se Maria Bergner, ser brasileira e esposa legitima daquele militar. Realmente no passaporte apreendido pelas autoridades e com o qual o casal chegou no Rio, figura o nome della como sendo aquelle, ao lado de Antonio Villar, o usado por Carlos Prestes. A polícia, entretanto, diligenciou no sentido de apurar a sua verdadeira identidade e hontem chegou ao fim desejado, sabendo chamar-se ella Olga Benário e ter nascido em Munich, em 1908, contando, portanto, presentemente, 28 annos de idade. Além disso, foi ainda a nossa polícia informada com segurança de que Olga trabalhou na Delegação Commercial Sovietica de Berlim, de 1926 a 1928, tendo sido condenada a trez mezes de prisão, em 1929, por haver facilitado a fuga de Otto Bauer, da prisão de Moabit. [...] Em Moscou, Olga esteve a serviço da Komintern, usando então o nome de Eva Gruger. [...] Olga, além dos nomes já citados, usava ainda os seguintes: Olga Meirelles, Olga Villar, Yvone Villar e Maria Villar. Junto a Carlos Prestes, Olga agia por conta do Komintern, como também ficou esclarecido. (ESCLARECIDA..., 1936, p. 7).

A notícia, além de ocupar um vasto espaço no jornal, expunha uma imagem de meio corpo de Olga, que fora obtida na delegacia no momento do depoimento. Apesar disso, o que

mais chama a atenção é a legenda abaixo da foto: “Olga Benário, a perigosa extremista presa em companhia de Luiz Carlos Prestes e de quem só agora se conhece a verdadeira identidade” (ESCLARECIDA..., 1936, p. 7). Em letras notoriamente maiores do que a descrição da notícia, mas menores que as letras do título e do subtítulo, o *Diário de Notícias* repassa ao leitor a informação de que Olga Benário seria uma perigosa extremista comunista, e ao mesmo tempo, estabelecendo uma conexão, na qual o levante antifascista de 1935 foi um acontecimento que punha os ideais da nação em risco.

Outro aspecto que se deve ressaltar é que o periódico, em nenhum momento acusou Luiz Carlos Prestes de ser um elemento nocivo a ordem do país, assim como Olga fora acusada. Esse sucedido talvez seja explicado pelo motivo de que após a Coluna Prestes, o “Cavaleiro da Esperança” foi muito aclamado no cenário político brasileiro, tendo sua imagem de luta em favor dos anseios do seu povo.

Não obstante, o que as notícias dos jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias* não deixam esclarecidas é a procedência das informações sobre a verdadeira identidade de Olga Benário. Naquele momento, já havia um acordo diplomático entre o governo de Vargas e a Alemanha Nazista.

Devemos nos atentar ao modo como Olga estava sendo representada nos jornais. Para Sandra Pesavento (2004), as representações apresentam múltiplas configurações, onde o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social. Conforme Pesavento,

Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais. (PESAVENTO, 2004, p. 41-42).

O fato de Olga ser mulher pesava diante da sua atuação na política brasileira. Como vimos, os jornais da época retratavam ela apenas como “a companheira de Prestes”. Apagando e negligenciando sua participação e atuação na política. Assim, ao colocar Olga à sombra do seu parceiro, esse fato acaba por culminar na desqualificação da sua própria militância, reforçando a hierarquia de gênero vigente e minimizando a sua atuação nos espaços públicos e políticos que são tidos como naturalmente masculinos.

Neste seguimento, segundo a análise de Joana Maria Pedro (2005), sobre os estudos da feminista Andrée Michel (1979), em seu livro *O feminismo*, publicado na França, ela alertava para a ausência de personagens femininas na história. Esta alertava que, apesar de inúmeras

mulheres francesas terem participado do esforço em pôr um fim nas guerras coloniais, a história delas se esqueceu, trazendo apenas nomes masculinos e dando visibilidade para algumas enfermeiras, pelo fato de estas desempenharem uma função aceita pelos homens como feminina (PEDRO, 2005).

Nesse sentido, Joana Maria Pedro (2005, p. 83), constatava que, “não importava o que a cultura definia como sendo atividade de mulheres: esta atividade era sempre desqualificada em relação àquilo que os homens, desta mesma cultura, faziam”.

3.1 Representações sobre Olga Benário na imprensa brasileira

Na visão do historiador Roger Chartier (2002), o conceito de representação permite aos historiadores trabalhar com o conceito de cultura e melhor do que o conceito de mentalidade, articular as diferenças no interior de uma sociedade e compreender as transformações históricas. Dessa maneira, Roger Chartier tendo como referência o trabalho do historiador Louis Marin, argumenta:

De maneira mais geral, o conceito de representação tal como ele o compreende e emprega foi um apoio precioso para que pudessem ser determinados e articulados, sem dúvida melhor do que permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada; em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais “representantes” encarnam de modo visível, “presentificam”, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder. (CHARTIER, 2002, p. 169).

Assim, conforme esse mesmo autor, decorre um duplo entendimento das representações: “tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que o olha como sujeito que o olha” (CHARTIER, 2002, p. 165). As representações tornam presentes um objeto, conceito ou pessoa ausentes mediante sua substituição por uma imagem capaz de representá-los adequadamente. Há uma distinção radical entre o representado ausente e a imagem que o representa.

Sandra Pesavento (2004), defini o ato de representação da seguinte maneira: “Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PESAVENTO, 2004, p. 40). Desse

modo, “a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação exclusão” (PESAVENTO, 2004, p. 40).

Conforme a historiadora Anita Leocádia Prestes (2017), devido ao fato de Olga ser uma militante provada na luta revolucionária e na atividade clandestina do movimento comunista, no final de 1934, ela recebe uma missão que mudaria sua vida. Foi convidada por Dmitri Manuilski, dirigente da Internacional Comunista (IC), a cuidar da segurança de Luiz Carlos Prestes em seu regresso ao Brasil. Recém aceito no Partido Comunista Brasileiro (PCB) o famoso “Cavaleiro da Esperança” voltava para participar da luta antifascista, mas teria de atuar na clandestinidade, pois fora acusado de ser desertor do Exército e seria preso se retornasse ao seu país legalmente.

Fernando Morais (1985) no seu ensaio, mostra uma versão romanceada da história de Olga Benário e Luiz Carlos Prestes. Retratando uma grande história de amor, com todos os signos constitutivos do amor romântico, o mito dos ideais, da luta pelo certo e pelo justo, do príncipe e da maternidade.

No que diz respeito ao discurso biográfico, Alexandre Avelar assinala que:

Esta sensação de poder controlar o curso da vida de seu personagem é, ao mesmo tempo, a força que dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e seu maior risco, uma vez que, convencido de sua capacidade de penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência individual, o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas. Talvez, então, ele se dê conta da dimensão ficcional de toda biografia. (AVELAR, 2010, p. 161).

Ademais, segundo Anita Prestes (2017, p. 18) “Olga aceitou sem vacilações e com entusiasmo a nova tarefa, pois ouvira falar nos feitos da Marcha da Coluna Prestes e de seu comandante, que já admirava, antes mesmo de conhecer pessoalmente”.

A escolha de Olga entre centenas de outros revolucionários, se deu por conta do seu imenso destaque. Nesse sentido, Fernando Morais (1985) comenta que Olga apenas com 26 anos de idade era considerada por seus superiores uma bolchevique completa. Ela falava fluente quatro idiomas, conhecia a fundo a teoria marxista-leninista, atirava com pontaria certa, pilotava aviões, saltava de paraquedas, cavalgava e já tinha dado provas de coragem e determinação.

Assim, Anita Prestes (2017) explana que às vésperas da viagem, Manuilski apresenta Olga a Prestes, que partiram de Moscou no dia 29 de dezembro de 1934, com destino ao Brasil. A missão original de Olga era garantir a segurança do revolucionário brasileiro, passando-se por um casal endinheirado em lua de mel. Deixaram a União Soviética clandestinamente como Antônio Vilar, espanhol, e Maria Bergner, estudante russa.

Como é retratado por Fernando Morais (1985), Olga a partir de seus conhecimentos e experiência, planeja uma longa viagem de forma a não deixar rastros. Passando por diversas partes do mundo, usando documentos falsos, “um risco demasiado grande, sobretudo para Olga, cujas fotos estavam espalhadas por todos os postos da fronteira do país” (MORAIS, 1985, p. 59).

De acordo com o autor, Olga e Prestes viajaram como um rico casal em lua de mel, desse modo, deveriam se comportar como tal. Para sustentar a fachada, escolheram um hotel luxuoso, o Grand Hôtel du Louvre.

Segundo Morais (1985), as primeiras semanas de viagem permitiram que os dois se conhecessem melhor. Conversando sempre em francês, eles passavam horas memorando as aventuras que cada um tinha vivido até ali:

Apaixonada por estratégia militar, Olga era capaz de ficar horas discutido com Prestes cada ação da coluna invicta, cada emboscada, cada movimento da tropa. Ele rabiscava mapas, rios, e bivaques em guardanapos de papel de vagões-restaurantes, nas costas dos folhetos de turismo. Ela só não se conformava com o desfecho da aventura brasileira: por que não tentaram tomar o poder? Por que não marcharam sobre o Rio de Janeiro, quando vinham do Piauí? (MORAIS, 1985, p. 60).

Conforme é comentado por Fernando Morais (1985), a fachada de casal em lua de mel obrigava Olga e Prestes a intimidades imprevistas. “Um casal em lua de mel não apenas dorme no mesmo quarto, mas na mesma cama” (MORAIS, 1985, p. 62). Anita Prestes (2017), discorre que após uma viagem de mais de três meses, repleta de peripécias, chegaram ao Rio de Janeiro em abril de 1935, onde criaram um núcleo preparativo para a revolução brasileira. Durante o percurso, os dois se apaixonam e, assim, tornaram-se marido e mulher de verdade.

Quando o *Ville de Paris* atracou no porto de Nova York, na manhã de 26 de março de 1935, o que até então era uma cena de ficção, montada pela Internacional Comunista, tinha virado realidade: como seus personagens Antônio Vilar e Maria Bergner, Prestes e Olga eram marido e mulher. (MORAIS, 1985, p. 64).

Uma vez no Brasil, Prestes, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e presidente de honra da ANL, organizou um levante contra o governo de Getúlio Vargas. Esse levante, conhecido como Intentona Comunista, foi um golpe militar iniciado a partir de levantes militares em três cidades brasileiras (Natal, Recife e Rio de Janeiro), em novembro de 1935. O golpe, entretanto, fracassou.

A historiadora Anita Leocádia Prestes (2017) afirmou que Olga Benário era quem viabilizava os contatos de Prestes, com o intuito de evitar a localização do mesmo pelos agentes políticos e, apesar de participar de todas as reuniões políticas, ela não teve participação na

elaboração e tomada de decisão dos rumos políticos que Prestes escolheu para a ANL, pois essa atribuição não lhe cabia.

Após as derrotas dos levantes antifascistas de novembro de 1935, foram presos em uma noite de 5 de março de 1936, no bairro do Meyer, no Rio de Janeiro, por ordem de Getúlio Vargas. Fernando Morais (1985) retrata os detalhes desse episódio, o momento em que os policiais batem à porta, a tentativa de fuga de Prestes pelos fundos da casa, e o momento em que os policiais miram metralhadores em torno de Prestes. Morais, fala que Olga cumpri sua missão, preserva a vida do “Cavaleiro da Esperança”. Salvando a vida de Prestes com o próprio corpo, ela “pula na frente de Prestes, protegendo-o com seu corpo, e dá um berro para os soldados. Não era um pedido de clemência, mas uma ordem dada por Olga” (MORAIS, 1985, p.157).

Esse momento evidencia a coragem de Olga, que se arrisca para defender Prestes, e ao mesmo tempo marca o fim da missão a qual havia sido designada: proteger e cuidar da segurança do líder da insurreição comunista. Responsabilidade que ela manteria até o último instante. Olga relutou até no momento da separação no caminho para prisão dela e Prestes, “Agarrou-se ao marido com tamanha força que não houve outra alternativa senão permitir que os dois fossem transportados juntos para a sede da Polícia Central” (MORAIS, 1985, p.157). No filme “*O velho*” (VENTURI, 1997), o próprio Prestes fala: “Vivíamos juntos e fui muito feliz com ela, uma companheira de uma dedicação muito grande”.

Morais (1985), fala que após chegarem ao edifício policial, os dois são separados e levados por policiais para serem ouvidos em salas diferentes. “Quando a porta gradeada do elevador se fechou, os dois se olharam pela última vez” (MORAIS, 1985, p. 158).



Figura 02: Olga e Prestes ao serem presos no Rio de Janeiro, 5 de março de 1936.
 Fonte: Arranjo fotográfico. Acervo: A. L. Prestes/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Como é relatado por Anita Prestes (2017), separados para nunca mais se verem, a convivência entre Olga e Prestes durou pouco mais de um ano. Os dois passaram a se corresponderem por cartas até Olga ser assassinada, numa câmara de gás do campo de concentração de Bernburg, em abril de 1942.

De acordo com Anita Leocádia Prestes (2017), logo após a prisão, já na cela de detenção da capital da República, Olga descobre que estava grávida e anuncia seu estado de saúde, às autoridades públicas. Esse momento é descrito por Morais (1985, p. 205): “Em uma das muitas visitas ao cartório onde eram tomados os depoimentos dos presos do levante, Olga dirigiu-se aos repórteres que a cercavam em busca de notícias e anunciou que dentro de alguns meses daria à luz a um filho de Luiz Carlos Prestes”. Uma astúcia de Olga, dar publicidade à gravidez.

Conforme é dito por Fernando Morais (1985), o advogado Heitor Lima após aceitar a defesa de Olga, impetrou *habeas corpus* em favor de Olga, que foi recusado pelos juízes do Supremo Tribunal Federal. Cujas a finalidade não era colocar Olga em liberdade, algo que nem se cogitava, mas tentar impedir sua expulsão para seu país de origem, o qual estava dominado pelo Nazismo. A seguir, citamos um trecho do *habeas corpus*, onde está descrito no final:

[...] 7.º- Conceda afinal a ordem de *habeas corpus*, a fim de que a paciente não seja expulsa do território nacional, sem prejuízo do processo ou processos a que esteja respondendo ou venha a responder.

O advogado,

Heitor Lima (MORAIS, 1985, p. 217).

Porém, “alegando que o instituto do *habeas corpus* estava suspenso pelo estado de sítio e pelo estado de guerra decretado por Getúlio Vargas, decidiu simplesmente não tomar conhecimento do pedido” (MORAIS, 1985, p. 218).

Quanto mais Heitor Lima remexia as montagens de depoimentos e denúncias do processo de revolta, tanto mais se materializava a certeza de que a decisão da expulsão se resumia a uma vingança pessoal de Getúlio Vargas e Filinto Muller:

Não contra ela, que nenhum dos dois conhecia, mas contra o marido e pai de seu filho, Luiz Carlos Prestes. Não havia, em todo o processo, uma só acusação, uma única imputação de qualquer delito que ela pudesse ter praticado no Brasil. Nem sequer sua extradição havia sido pedida pelo governo de Adolfo Hitler. Getúlio e Filinto tomavam espontaneamente a decisão de enviar ao Reich nazista uma judia, comunista e grávida de quatro meses. (MORAIS, 1985, p. 216).

O governo federal brasileiro autorizou a deportação de Olga para a Alemanha. Getúlio Vargas iria contra a Constituição Brasileira, que continuava em vigor, a qual garantia às mulheres que estivessem esperando filhos de pais brasileiros o direito de tê-los no Brasil. Contra a Constituição, exibiam o parágrafo de três linhas da Lei de Segurança Nacional, redigida, meses antes: “A União poderá expulsar do território nacional os estrangeiros perigosos à ordem pública ou nocivos aos interesses do país” (MORAIS, 1985, p. 216).

A notícia da expulsão de Olga do território brasileiro foi publicada no periódico *Diário de Notícias*, no dia 29 de agosto de 1936, com imagens de meio corpo de Olga, na capa, com o título da matéria “Expulsa a Companheira de Luiz Carlos Prestes:

Expulsa a Companheira de Luiz Carlos Prestes.

O presidente da República assignou decreto na pasta da Justiça, expulsando do território nacional, por se ter constituído elemento nocivo aos interesses do paiz e perigoso à ordem pública, a allemã Maria Bergner Villar, que também usa os nomes de Frieda Wolff Behren, Olga Bergner, Olga Benário, Olga Meirelles, Maria Prestes e Erna Kruger. (EXPULSA..., 1936, p. 01).

Na mesma data, o *Correio da Manhã* publicava:

Maria Prestes vae deixar o território nacional: Assignado hontem pelo presidente da república o decreto de expulsão.

A irrupção do movimento de 27 de novembro do ano passado no quartel de extinto 3º regimento de infantaria e na Escola de Aviação, dominado em poucas horas pelas forças do governo, evidenciou as actividades comunistas com que os seus principaes elementos prepararam o golpe para subverter o regimen. [...] A polficia trabalhou exhaustivamente após ser dominado o surto revolucionario do anno passado para descobrir o paradeiro de Prestes que se

sabia achar-se em territorio nacional. [...] E assim durou esse trabalho da Delegacia Especial de Segurança Política e Social varios mezes até que na manhã do dia 5 de maio deste anno pôde a polícia surprehender Luiz Carlos Prestes na casa n. 279 na rua Honorio. E com elle foi presa sua companheira, Maria Prestes, que interrogada pelas autoridades declarou ser brasileira e casada com o militar revolucionário. Posteriormente, o capitão Mirando Corrêa enviava a todas as políticas do mundo a photographia e as individuaes dastyloscopicas da companheira de Prestes e em pouco chegavam as informações da Allemanha de onde é ella originaria. Apurou-se então que seu verdadeiro nome era Olga Benário que comparecera naquelle paiz destacada acção na propaganda do comunismo, sendo representante do Partido no congresso de Moscou. O chefe de Polícia determinou se fizesse o processo de expulsão de Olga Benário, delle ficando incumbido o sr. Democrito de Almeida, 1º Delegado auxiliar. [...] O caso chegou agora a seu termo. Por decreto de hontem, na pasta de Justiça, o presidente da República assignou a expulsão de Olga Benário por se ter constituido elemento perigoso à ordem pública e nocivo aos interesses do paiz [...] (MARIA..., 1936, p. 3).

Os dois jornais publicaram as suas notícias com imagens de meio corpo de Olga. Contudo, diferentemente do *Diário de Notícias*, o *Correio da Manhã* fez uma extensa publicação sobre a deportação de Olga Benário, fazendo um detalhamento sobre tudo o que ela havia passado no Brasil. Enquanto, o *Diário de Notícias* expunha uma nota bem breve, apenas esclarecendo a expulsão de Olga Benário território brasileiro.

Anita Leocádia Prestes (2017), nos apresenta os cuidados que foram tomados para que a prisioneira política, grávida de sete meses na ocasião, chegasse ao seu destino evitando possíveis tentativas de resgate. Trata ainda das condições precárias da viagem de extradição, realizada no navio cargueiro *La Coruña*, e a recepção de Olga Benário e Elise Ewert (também extraditada, esposa do dirigente comunista alemão Arthur Ewert) ao chegarem a Hamburgo em outubro de 1936. A Gestapo justificava o tratamento rigoroso aplicado a Olga por ser a prisioneira judia e “comunista perigosa”, mulher do líder comunista Luiz Carlos Prestes, e, desse modo, jamais deveria ser liberta. No dia 27 de novembro de 1936, na enfermaria da prisão de Barnimstrasse, ocorre o nascimento de Anita Leocádia, pouco mais de um mês após a chegada de Olga a Alemanha, onde Olga foi mantida inicialmente em prisão preventiva.

Por conseguinte, a historiadora Anita Leocádia Prestes (2017) explana que após o nascimento de sua filha, Olga foi transferida para o campo de concentração de Lichtenburg, em fevereiro de 1938 e, posteriormente, foi enviada para outro campo de concentração, Ravensbrück, em maio de 1939. Olga foi submetida ao trabalho escravo, privação de alimentos e torturas realizadas pela Gestapo. Em abril de 1942, foi transferida para o campo de concentração de Bernburg, onde foi morta, aos 34 anos, na câmara de gás. Luiz Carlos Prestes e a família somente ficaram sabendo da morte de Olga após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Assim, a história das histórias de Olga no Brasil começou em 1985 com a publicação de *Olga*, de Fernando Morais (1985). Até então, segundo Morais, ela era praticamente desconhecida no país, sendo relegada, em muitos relatos, apenas, ao papel de mulher de Luís Carlos Prestes, o líder do fracassado movimento comunista de 1935. No filme “*O velho*” (VENTURI, 1997), o próprio Prestes fala “Olga hoje é considerada uma heroína alemã”.

4 ESCRITA DE SI E CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR ENTRE OLGA BENÁRIO E LUIZ CARLOS PRESTES

“Escrever cartas é mostrar-se, chamar a atenção, presentificar a imagem do outro”.
(Michel Foucault)

Neste capítulo, apresentamos a análise de algumas cartas, escritas por Olga Benário e endereçadas a Luiz Carlos Prestes, produzidas durante o período em que *ela* esteve encarcerada na Alemanha Nazista de Adolfo Hitler e, *ele*, no Brasil ditatorial de Getúlio Vargas. Assimilando a importância de a escrita epistolar, principalmente quando se tornou, naquele momento histórico particular, o único meio de comunicação, buscamos identificar marcas de um perfil de Olga, enquanto *mãe, esposa e militante*. Nas missivas, Olga lapidou retratos de si mesma, a partir do seu próprio olhar e, do olhar do outro. A proposta é identificar, por meio da escrita da própria Olga Benário, como se constituíam suas várias e diferentes posições de sujeito, assumidas nesses espaços de dizer.

Nesses primeiros tópicos apresentamos uma breve história das cartas, mostrando como esse meio de comunicação se desenvolveu, sendo uma das mais usadas e antigas formas de comunicação entre as pessoas. Veremos ainda como houve um alargamento no campo de investigação do historiador que possibilitou trabalhar temas e certos gêneros de escritos como a escrita de si, que privilegia os diários, correspondências, cartas, biografias e autobiografias.

4.1 A carta como meio de comunicação

As cartas são, no seu sentido estrito, mensagens destinadas a uma pessoa ou organização para comunicar-lhe algo. Elas servem como meio de aproximar os ausentes, caracterizada pela espontaneidade (VASCONCELOS, 2008). Dessa forma, as cartas aproximam pessoas revelando algo sobre elas e/ou sobre quem as recebem, permitindo avaliar a intensidade do relacionamento entre elas (MATTOS, 2010). Seus usos advêm de tempos remotos, remetendo aos povos antigos e sendo símbolo de riqueza.

Nos tempos antigos, as cartas circulavam entre as altas classe sociais e os comerciantes, comumente sendo ditadas aos “escravos secretários” que colocavam uma inscrição final de próprio punho. Conforme Eliane Vasconcelos (2008), nas sociedades gregas e romanas encontramos as formas mais exóticas em que as cartas circularam, pois era costumeiro escrever

mensagens em lâminas ou tabletes de ceras e entregar os objetos aos escravos para que levassem ao destinatário desejado.

De acordo com a autora, a forma escrita das cartas em papiro ou “*charta*” é conhecida a partir de Alexandre Magno, “a qual se compunha de duas folhas atravessadas por um cordão, que terminava em nó, com um carimbo” (VASCONCELOS, 2008, p. 374). Na idade média passou a utilizar-se de pergaminhos para escreverem as cartas. Somente no final desse período é que o papel passa a ser o material utilizado na escrita do que Michel Foucault chamou de *presentificar a imagem do outro*, visto que para o autor as cartas constituem-se como um meio de mostrar-nos, de chamarmos atenção (FOUCAULT, 1992).

Uma das características mais marcantes das cartas, na antiguidade, diz respeito às marcas de sigilo. Selos eram representados de diversas formas, em tempos envolvidas por fitas, noutros marcadas com carimbo, sinete ou lacre e, atualmente, envelopados. Essa confidencialidade indica que a carta só pode ser aberta por seu destinatário e não deve ser violada (VASCONCELOS, 2008).

O século XVIII marcou expressivamente a utilização das cartas, sendo um importante e costumeiro meio de comunicação para a época. As correspondências se tornaram um hábito bastante difundido, expressando sentimentos, emoções e experiências nas diversas camadas sociais, além de se tornar uma prática cultural muito apreciada na Europa e América (MALATION, 2009).

No Brasil, essa prática cultural se intensificou no século XIX, em virtude da necessidade de comunicação surgida com o crescimento imigratório, sendo a principal forma de comunicação entre os imigrantes e seus familiares e amigos que ficaram nos países de origem (SALAMON, 2010). Entre os séculos XIX e XX era comum que florilégios – compilação de textos literários – dispusessem de modelos de carta que contivessem declarações de amor, objetivando verdadeiros pedidos de casamento. Dentre estes, destacavam-se o *Novo manual epistolar* ou secretário de cartas particulares e *Cartas de peditórios matrimoniais* (VASCONCELOS, 2008). Essa é uma prática que consiste até hoje, pois muitas são as indagações referentes ao processo de escrita das cartas. Eliane Vasconcelos (2008), por curiosidade, realizou uma pesquisa em um site de busca pela expressão “como escrever cartas” e encontrou cerca de 1.520.000 incidências.

Não podemos falar das cartas sem mencionar que a própria história do Brasil se iniciou com uma carta, escrita por Pero Vaz de Caminha, no intuito de comunicar ao rei de Portugal, Dom Manuel I, as belezas contidas na nova terra, bem como descrever sobre os povos que nela habitavam. Segundo Eliane Vasconcelos (2008), a carta relatava a “docilidade” e o “exotismo”

dos nativos das terras, a possibilidade de evangelizá-los e o caráter mercantilista atribuídos ao território encontrado.

É válido ressaltar que as cartas durante muito tempo foram consideradas como fonte secundária. Dessa forma, sendo um tipo de fonte escrita recém inserida na documentação histórica, a carta permaneceu arquivada nos registros públicos e privados das instituições por um longo período. Só recentemente que os pesquisadores se conscientizaram sobre as cartas poderem possuir dados relevantes (MATTOS, 2010; VASCONCELOS, 2008).

Além disso, nos últimos 10 anos o Brasil tem vivenciado uma valorização da escrita de si, e os leitores têm cada vez mais demonstrado interesse em gêneros literários tais como as correspondências. Dessa forma, os catálogos das editoras, estantes de livrarias e suplementos literários de jornais têm voltado para a publicação do gênero literário. A exemplo disto podemos citar, no campo da literatura, as cartas trocadas por Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade ao longo de 20 anos, diálogo que nos permite ler e sentir o movimento modernista a partir de novas perspectivas; já no campo político, destacam-se as cerca de 900 cartas de Luís Carlos Prestes, que foram reunidas em três volumes e relatam acontecimentos de quando ele foi prisioneiro do Estado Novo (GOMES, 2004).

Conforme aludido por Ângela de Castro Gomes (2004), as cartas e memórias sempre tiveram autores e leitores, mas na última década elas alcançaram globalmente reconhecimento e visibilidade jamais vistos, destacando-se tanto no mercado editorial quanto no ambiente acadêmico. No entanto, os estudos que se propõem a refletir sistematicamente sobre esse tipo de escrita ainda demandam de mais atenção no que tange a história do Brasil, visto que os maiores destaques se encontram na literatura e história da educação.

A produção historiográfica que se tem no país remete, em grande medida, à influência francesa, como é o caso da coleção *História da Vida Privada*. A partir dela, foi produzido quatro volumes acerca da *História da Vida Privada no Brasil*, possibilitando que múltiplas formas dos vínculos privados se tornassem espaço de investigação histórica, como é o caso da história de si, embora as pesquisas sobre esse tipo de escrita de si, como as cartas, ainda sejam pouco exploradas (GOMES, 2004).

De acordo com Ângela de Castro Gomes (2004, p. 11), a escrita de si, além de produzir a escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e diários, ela também produz memórias de si, ou seja, “os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas”.

Essa prática cultural possibilita que as pessoas constituam uma identidade para si através de seus documentos. E embora escrever cartas seja uma prática antiga, para o mundo moderno esse é um meio de entender a emergência histórica dos sujeitos nas sociedades. A modernidade tornou a individualidade como área a ser narrada, isto é, como uma história que sobrevive na memória de si e dos outros. Essa concepção vigora nas sociedades modernas tendo em vista que o contrato político-social legitima a autonomia ao reconhecer a liberdade e igualdade das pessoas, abrindo espaço para o interesse sobre esse novo sujeito moderno. Assim, valoriza-se a memória individual, seus procedimentos de construção e guarda, visto que as pessoas são sociais e singulares nas suas multiplicidades e fragmentações (GOMES, 2004).

A origem privada e caráter pessoal desse tipo de documento, como é o caso da escrita epistolar, confere contato com aspectos mais íntimos da história dos sujeitos narrados. As cartas permitem a imersão na experiência diretamente vivida, não há mediações (SILVA, 2011).

Ângela de Castro Gomes (2004, p. 13) elenca que a escrita de si possibilita evidenciar a trajetória individual ao longo do tempo, a postulação de uma identidade para si e o registro de um sujeito por fora da esfera pública de seus feitos, legitimando o desejo de registrar o sujeito comum e os acontecimentos do cotidiano, não menos importantes para a compreensão dos processos históricos, pois “é dos indivíduos que nasce a organização social e não o inverso”. A escrita de si permite que a historiografia emergja em temáticas que nos permita compreender o social e, sobretudo, as questões ligadas à “invenção” de si, suscitando reflexões em torno do privado e público, individual e coletivo, além das formas narrativas e analíticas da escrita da história (SILVA, 2011).

Contudo, a autora mencionada alerta para o risco do pesquisador, ao utilizar a escrita de si como fonte e/ou objeto, ser seduzido pelo que ela chama de “efeito verdade”, em que a verdade como sinceridade pode levá-lo a acreditar no que diz a fonte como se ela expressasse o que “verdadeiramente aconteceu”. É preciso ser cauteloso, pois em nenhum documento por si só expressa a verdade dos fatos. Tais considerações são estabelecidas ao passo em que a escrita epistolar se constitui como um dos tipos de escrita de si que mais são utilizadas como fonte e/ou objeto pelos historiadores.

4.1.1 Estrutura da carta

Podendo ser manuscritas, datilografadas ou digitadas, as cartas incorporam referências nobres, prosaicas e pessoais. Entre as referências nobres, destacam-se a carta magna e carta régia, dentre outras; já entre as referências prosaicas, podemos citar a carta branca, carta aberta

etc. As cartas pessoais se caracterizam como um meio de comunicação individual e restrito, que frequentemente contém códigos, signos e indicativo, apresentando remetente, destinatário e circunstâncias (MATTOS, 2010). Além disso, as cartas pessoais comumente possuem estruturas linguísticas informais, expressando mais subjetividade, sentimentos e emoções.

As cartas podem ser classificadas de diversas formas, podendo possuir um caráter mais erudito e marcadas por narrativas entre indivíduos que estejam separados no momento de estabelecimento da comunicação, tal como encontrado nas áreas filosóficas, teológicas, críticas, jurídicas, históricas, matemáticas e fisiológicas; ou que possuam um caráter mais específico para seu desenvolvimento, tal como cartas de agradecimento, pêsames, congratulações etc. (MIRANDA, 2000).

Conforme Ângela de Castro Gomes (2004), a escrita das cartas possui um destinatário específico com quem vai estabelecer-se relações, ou seja, ela é uma interlocução, consistindo numa troca interativa entre quem escreve e quem lê. Os sujeitos se revezam, “ocupando os mesmos papéis através do tempo”. Escrever cartas pode ser entendido como “‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente, o que permite um tête-à-tête, uma forma de presença (física, inclusive) muito especial” (FOUCAULT 1992, p. 149-50 apud GOMES, 2004, p. 19).

As cartas configuram-se como um tipo de escrita que possui fórmulas conhecidas e, por conseguinte, passíveis de aprendizagens, como as escolares. Datação, tratamentos, despedidas e assinaturas são exemplos das estruturas textuais que podem ser aprendidas. Além disso, destaca-se outros elementos, como o papel, envelope e timbre e/ou marca apropriados, e a subscrição correta. Além disso, as cartas possuem um ritmo descontínuo e cíclico, “podendo acelerar ou desacelerar de acordo com determinados acontecimentos e momentos da vida dos correspondentes” (GOMES, 2004, p. 20).

A saudação, introdução, narração e a despedida são manuais de discurso que aparecem nas cartas como herança da Idade Média, período em que se criou regras particulares da escrita epistolar que se constituiu como matéria a ser ensinada. Com isso, seu ensino “compreendia em cinco partes: *salutatio* (fórmula de saudação ao destinatário, seguido ocasionalmente de seu título), *exordium*, *narratio*, *petitio* e *conclusio*” (VASCONCELOS, 2008, p. 375).

Ademais, Ângela de Castro Gomes (2004, p. 20) elenca dois tempos distintos presentes nas estruturas da carta. A distância entre o lugar físico e afetivo dos correspondentes e o distanciamento entre o autor da carta e os acontecimentos narrados, sobretudo, os episódios em que o próprio autor da carta é o principal personagem. Ou seja, no momento da escrita, os “acontecimentos/ personagens narrados experimentaram tempos variados, que “podem se situar

no passado (‘ontem aconteceu...’, ‘você se lembra quando?’), no presente (‘estou escrevendo esta carta...’) ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto”.

4.2 Olga e as cartas

No período em que esteve presa em campos de concentração da Alemanha nazista Olga escreveu muitas cartas. A maioria delas destinadas a Prestes, Dona Leocádia e a Lygia. Tais cartas foram publicadas no livro *Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo*, de Anita Leocádia Prestes (2017). E, no livro *Olga*, de Fernando Morais (1985).

Mesmo assim, optamos por selecionar para a análise somente algumas cartas, com fragmentos relevantes para o objetivo deste trabalho. Como a intenção desde o início da pesquisa não era trabalhar com um grande número de cartas, mas traçar por meio destas missivas a trajetória política e pessoal de Olga Benário.

É oportuno ressaltar que as cartas são escritas por uma mulher que vivencia uma realidade de privação e censura, longe do esposo e da sua filha. Cartas onde Olga expressa seus pensamentos e sentimentos mais íntimos, oferecendo pistas relevantes sobre sua personalidade e da época em que viveu, que não tinham a ambição de serem publicadas. Cartas que poderiam ser escritas por qualquer outra pessoa que passasse por situação semelhante.

A relevância da organização dessas cartas vai além de simplesmente tornar público tais documentos privados, na medida em que configura um fenômeno dos dias atuais no que se refere ao trabalho com a memória: a responsabilidade dos filhos das vítimas da Shoah¹. Larissa Silva Nascimento e Michelle dos Santos discutem, em seu artigo “*Questões sobre (auto)biografia: as modernas representações do holocausto em Maus, de Art Spiegelman, e em Os emigrantes, de W. G. Sebald*”, como as representações da memória da Shoah passam a ser responsabilidade da segunda geração, os filhos das vítimas:

Com a morte de grande parte dos sobreviventes e das testemunhas oculares, com o distanciamento do ocorrido, com as comemorações pelos 70 anos do início da Segunda Guerra Mundial e, ainda, com o Holocausto se tornando um explícito objeto da cultura de massa, as formas de representações literárias e artísticas foram expandidas. Nesse momento, por exemplo, quem passa a representar a Shoah é a segunda geração. (NASCIMENTO; SANTOS, 2012, p. 98).

¹ Termo da língua iídiche que significa calamidade, catástrofe. A palavra “Shoah” substitui “Holocausto”, uma vez que essa vem carregada de significados que tentam justificar o genocídio sem justificativa, ou seja, provém da inconsciente exigência de “atribuir um sentido ao que parece não ter senti do” (AGAMBEN, 2008, p. 37).

No caso de Olga, que foi morta no campo de concentração e, conseqüentemente, não pôde tornar público o testemunho dos seus dias como prisioneira, a organização de documentos, como é o caso das cartas, partiu de sua filha Anita. É pertinente ressaltar, que para a historiadora Anita Leocádia Prestes a investigação desse material envolve mais que a curiosidade acadêmica de uma pesquisadora. O objeto de seu olhar e trabalho é sobre sua mãe, de quem foi arrancada dos seus braços quando ainda era uma criança. Ao pesquisar e escrever sobre Olga Benário a historiadora inevitavelmente pesquisa e escreve sobre si mesma. Anita Prestes é personagem importante na história de Olga e está mencionada constantemente nos documentos. Embora seja uma história pessoal, é também o resultado de pesquisa historiográfica. Na obra aqui trabalhada, a pesquisadora Anita Prestes, como forma de manter certo distanciamento simbólico do objeto de estudo que ela está diretamente inserida, se refere a personagem histórica Anita Leocádia Prestes, filha de Olga Benário, em terceira pessoa. Como vemos no seguinte trecho: “A 27 de novembro de 1936, na enfermaria da prisão de Barnimstrasse, nasceu sua filha, Anita Leocádia” (PRESTES, 2017, p. 25).

Apesar destas missivas apresentarem os ideais políticos de Olga e seus correspondentes, em especial a de Prestes, no entanto, ela não possuía intenção de persuadir o leitor, tendo em vista que apenas demonstra o diálogo entre pessoas que já eram convictas de seus ideais. As publicações dessas epistolas revelam o que havia por detrás desses militantes, até então, eram apenas vistos sob a ótica de sua atuação política.

É imprescindível que o leitor tenha em mente o contexto em que as cartas foram escritas, a fim de que se possa compreender as necessidades de Olga Benário como *mãe, esposa e militante*; enquanto prisioneira que vivia a censura de suas cartas, refém dos limites que lhe eram impostos pela Gestapo.

É somente a partir do terceiro mês do nascimento de Anita, na prisão de Barnimstrasse, que é autorizado a Olga estabelecer correspondência com seus entes queridos, período em que a avó, Dona Leocádia fica sabendo do nascimento da neta. Destacam-se grandes interrupções nessa correspondência. As cartas tinham que ser escritas em alemão, pois “[...] a correspondência entre elas estava autorizada oficialmente, mas seria submetida à censura pela Gestapo – teria que ser, portanto, escrita em alemão” (MORAIS, 1985, p. 242). No que tange a regularidade do envio e recebimento de cartas, Olga poderia receber apenas três cartas por mês, como nos mostra o trecho da primeira carta de Olga endereçada a Dona Leocádia: “[...] Você me perguntou quantas vezes pode escrever-me. Pelo regulamento da prisão, posso receber uma carta a cada dez dias” (MORAIS, 1985, p. 243).

No que se refere a censura destas correspondências, Anita Leocádia e Lygia Prestes explicam que havia grandes dificuldades também com relação à censura brasileira:

Nas condições de censura constante das cartas trocadas tanto com a família quanto com os companheiros e amigos – por vezes, algumas cartas eram apreendidas ou tinham parágrafos inteiros literalmente cortados à tesoura –, Prestes não poderia ser informado de grande parte dos problemas enfrentados pela família, para não falar da situação no mundo e no próprio Brasil. (PRESTES; PRESTES, 2000, p. 19).

O jornalista William Waack (2004), em seus estudos sobre a história secreta da revolução comunista brasileira de 1935, destacou a censura sofrida pela correspondência de Olga e Prestes, “a correspondência [de Olga] da prisão era censurada pelos nazistas e podia apenas abordar assuntos pessoais” (WAACK, 2004, p. 104).

Nessa perspectiva, fica evidente a dificuldade de se corresponder em um contexto de guerra e censura. Dessa maneira, as cartas de Olga eram vistas com muita delicadeza, posto que, cientes de tais condições, os correspondentes poderiam, por exemplo, fazer uso de códigos para transmitir determinadas mensagens. Afinal, Olga fez cursos paramilitares, e certamente, poderia vir a escrever mensagens codificadas.

Sobre a correspondência de Olga, William Waack afirma:

Boa parte das cartas de Olga foi publicada na Alemanha Oriental no começo dos anos 60 e, mais tarde, reproduzida no Brasil. São documentos de impressionante conteúdo emocional, textos que revelam sensibilidade e firmeza ao mesmo tempo. (WAACK, 2004, p. 340).

A subjetividade de Olga manifestada em suas cartas revelam bastante de sua personalidade. Ao compartilhar seus sentimentos e ideias com aqueles a quem escreveu, deixou sua marca pessoal. Por meio destas missivas identificamos seu lado humano, sua coragem, seu poder de resistência, sua inabalável crença em um futuro melhor. Olga se mostra uma mulher firme; forte e, ao mesmo tempo, sensível e romântica.

4.2.2 Olga mãe

Passemos, finalmente, a análise da primeira carta da correspondência inédita entre Olga e Prestes, que aborda a temática do nascimento de Anita. Ela foi escrita em 17 de dezembro de 1936, enquanto Olga se encontrava na prisão de mulheres em Berlim, durante o período em que ainda pôde ficar junto de sua filha, antes de ser enviada ao campo de concentração.

Espero que tenhas recebido meu telegrama informando o nascimento da nossa filhinha. Então, ela nasceu no dia 27 de novembro, às 10h15. O seu peso era de 3,800 kg e tem boa saúde. Sabes que a pequena tem cabelos bem escuros e tão longos que é necessário penteá-los a toda hora. Seus olhos são bem azuis

(e eu gostaria tanto que eles fossem como os teus!!). Dei-lhe o nome de Anita Leocadia (Olga Benário, carta de 17 dez. 1936).

No primeiro parágrafo da carta, nos deparamos com a realidade da censura. Já nas primeiras linhas, Olga faz menção a um telegrama que havia enviado, informando o nascimento da filha a Prestes. Mas não sabe se ele recebeu, devido à grande interrupção e dificuldade na troca de correspondências, imposta pela Gestapo e, também ao fato de não ter recebido um retorno de Prestes. A correspondência do casal estava sujeita a duas grandes censuras, a brasileira e a nazista alemã. Assim, tornava-se mais difícil deduzir quem censurou as cartas.

Nesse mesmo parágrafo, Olga descreve as características físicas de Anita, informa a data e hora que a “pequena” (forma carinhosa como Olga chama sua filha) nasceu, seu estado de saúde, o nome que escolhera para a filha. O nome foi escolhido em homenagem a duas mulheres fortes, Anita em memória da heroína brasileira Anita Garibaldi e, Leocádia, a sua sogra, “que nunca vira pessoalmente, mas aprendera a amar e respeitar através de Prestes – e que agora cruzava a Europa mobilizando comitês por sua libertação” (MORAIS, 1985, p. 242).

A carta segue com segmentos sobre Olga, sua saúde, sobre a situação que se encontra após o nascimento de Anita. Destaca também a questão da permanência da filha com a mãe, a qual só seria permitido enquanto estivesse amamentando. E ainda, sobre sua aflição quando pensa sobre o futuro da filha, já que pelo regulamento da prisão, os filhos eram retirados das mães aos seis meses de vida e, entregues a orfanatos nazistas. Nesse momento, Olga nos evidencia que o medo a atormentava, mesmo sendo firme e esperançosa. Ao que nos fez parecer que ela não excluiu a possibilidade de a filha crescer na ausência de seus pais. Olga descreveu como é bom o sentimento de estar junto de sua filha. Que a memória dos dias felizes que viveu ao lado do esposo, são sua fonte de força, e até para a esperança de um futuro reencontro entre ela, Anita e Prestes ficava registrado naquelas linhas. Vejamos:

Quanto a mim, passei um tempo bastante mal em decorrência do parto. A pequena me causou um rasgão e o médico teve que me costurar. Em seguida estive mais de uma semana com febre (todas as noites acima de 39º e mesmo agora, quando já se passaram três semanas do parto, ainda devo permanecer deitada.

Em geral, eu gostaria que conhecesses minha situação. Desde minha chegada à Alemanha, me aborreço na enfermaria da prisão. Enquanto estiver amamentando a pequena, ela poderá ficar comigo. Mas depois – eu não sei; e compreenderás minha aflição quando penso no futuro da nossa pequena – como seríamos felizes se estivéssemos nós três juntos!! Deverias ver como é lindo apreciar nossa pequena, com seus grandes olhos abertos, mamar em meus braços. É um sentimento totalmente [ilegível]. Compreendes [ilegível] com os quais me aflijo. Mas agora eu também reconheço a enorme fonte de forças que representa todo o tempo feliz que passamos juntos. Em pensamento estou sempre a teu lado e sei que teus pensamentos me acompanham. Não é mesmo, Carlos, que é preciso esperar o dia em que estaremos novamente

unidos, e então termos como parceira a pequena Anita? (Olga Benário, carta de 17 dez. 1936).

Na epístola, Olga indaga como poderá ter notícias de Prestes, e expõe que deseja muito manter contato para lhe dar informações sobre a situação da filha, e pede para que Prestes a escreva, enfatizando que precisa das palavras, notícias dele: “Enfim, isso não é pedir muito, pois desejo informar-te sobre a situação de nossa filha. Também, se tens a possibilidade de escrever a tua mãe, cujo endereço eu não tenho, talvez ela me possa ajudar nessa situação, pois bem sabes que aqui não tenho ninguém” (Olga Benário, carta de 17 dez. 1936).

Olga ao frisar “bem sabes que aqui não tenho ninguém”, nos evidencia a ausência de qualquer tipo de apoio e esforços por parte de sua mãe, Eugenie Benário, para lhe ajudar e à neta. Visto que, seu pai, Leo Benário, já havia falecido há alguns anos. Destarte, imaginamos que Dona Eugenie sequer tenha feito visitas a filha na prisão. Levando-se em conta que a mesma, como já foi ressaltado em outro momento no decorrer deste trabalho, já havia pronunciado não se interessar pelo destino de Olga e Anita.

No caso aqui analisado, estamos cientes que a “situação de nossa filha” que Olga menciona é relacionado ao desconhecimento do destino de sua rebenta. Anita também estava submetida a prisão, ela deu seus primeiros passos e pronunciou seus primeiros sons nesse espaço de privação. O único ambiente que ela conhecia estava entre os muros da prisão.

Refletirmos acerca de crianças em campos de concentração é uma tarefa complexa. Crianças, privadas de sua liberdade e, com sua inocência, ignorada foram mortas simplesmente por não serem filhos(as) de alemães de “raça pura”.

O escritor italiano Primo Levi (1998) – que descreveu suas experiências no campo de concentração de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial – narrou o caso de uma criança de apenas 3 anos, chamada Emília, que conheceu no vagão de trem que os levava para Auschwitz. Em um dos trechos do livro ele frisa, “aos alemães configurava-se evidente a necessidade histórica de mandar à morte as crianças judias” (LEVI, 1998, p. 22). Segundo Primo Levi, Emília “era uma criança curiosa, ambiciosa, alegre e inteligente”, ela foi morta na câmara de gás simplesmente por ter descido do vagão do lado errado. Chegado ao destino final as portas dos dois lados do vagão se abriam e, sem quaisquer tipos de orientação, aqueles que desciam pelo “lado certo” eram encaminhados para trabalhar, os demais, como Emília, eram levados para a câmara de gás.

Anita foi uma das crianças, filha de judeus, que escapou viva. No seu caso, em particular, deve-se a campanha de mobilização internacional, promovida por Dona Leocádia. “A libertação de Anita das garras do nazismo resultou indiscutivelmente da influência e da

repercussão mundial da Campanha Prestes – uma grande vitória da solidariedade internacional” (PRESTES, 2017, p. 52-53).

Tendo feito essas elucubrações, reavemos as missivas. Nesse momento, Olga já foi separada de Anita, e transferida para o campo de Lichtenburg em Prettin. Nessa carta está retratada a aflição de Olga por estar separada da filha, a angústia que lhe atormenta a questão de não ter notícias da filha por um longo período, e também pela falta de informações mais detalhadas. Olga se refere a sogra, dona Leocádia, carinhosamente como “mamãe”:

Das cartas enunciadas de mamãe [Leocádia, sogra de Olga], recebi até hoje apenas algumas linhas muito rápidas de Lygia [irmã de Luiz Carlos Prestes], de meados de novembro. Toda a correspondência no ano passado foi uma tortura para mim. Certamente as circunstâncias eram muito difíceis, mas durante esse longo espaço de tempo recebi no máximo três ou quatro e somente uma vez vieram fotos que me revelaram mais detalhes da pequena. Entre elas houve por várias vezes três meses de absoluto silêncio ou, de vez em quando, a notícia: ainda estamos vivas. (Olga Benário, carta de 15 de jan. 1939).

Olga se preocupa muito com a educação de Anita, e quer cuidar dela mesmo estando distante, e fala sobre isso com Prestes: “Mas, sabes, Carlos, tens de me ajudar com minha mãe para que eu também tenha voz ativa sobre Anita, mesmo com esta distância” (Olga Benário, carta de 15 de jan. 1939). No que diz respeito a isso, Olga deixa claro a confiança que tem em dona Leocádia e Lygia, mas a questão é que ela quer cuidar da filha, exercer seu papel de mãe, como comenta no trecho: “Tu vais entender o que estou querendo dizer, e penso que somos da mesma opinião a respeito (...) Certamente compreenderas que eu, apesar da minha grande confiança em mamãe e Lyginha, quero cuidar pessoalmente de nossa filha” (Olga Benário, carta de 15 de jan. 1939).

4.2.3 Olga Esposa

A distância que separou Olga e Prestes, não fez romper o amor desse casal. O laço amoroso que havia sido construído no período em que estiveram juntos, teria se fortalecido com o nascimento de Anita. As cartas demonstram uma relação de amor e cuidado que permaneceu até o último dia em que ela pôde escrever e enviar suas missivas. Como se pode ler no trecho a seguir:

Vou [ilegível] e principalmente à noite, antes de adormecer, minha conversa silenciosa contigo e meus pensamentos sobre nossa filha Anita receberam tons e temas novos. Alegrei-me principalmente com tuas linhas porque vejo nelas que tudo aquilo que existe entre nós se mantém, apesar de toda a adversidade do ano de prisão, e se torna cada vez mais uma nova fonte de força e de coragem para nós. (Olga Benário, carta de 30 de mar. 1939).

A leitura das cartas nos mostra uma mulher que, apesar de estar vivendo uma dura realidade, ainda consegue manter vivo o sentimento de esperança e resistência, que surge do amor que sente por Prestes e Anita, como ela própria pontua nos seus escritos.

Tu vais me compreender, pois nossa relação também recebeu um colorido diferente por causa desse pequeno e doce ser. Teus pensamentos anteriores sobre a possibilidade de crescimento constante de sentimentos, teu “*toujours plus*” [sempre mais], deve ter alcançado assim a mais bela realização possível para nós. É triste que possamos vivenciar isso tudo apenas de maneira abstrata e oculta na nossa mais íntima profundidade. Mas a vida nos colocou num canto e não resta outra coisa senão carregar o inevitável com dignidade. (Olga Benário, carta de 15 de jan. 1939).

Olga ressalta o valor da escrita da carta de Prestes, “Se puderes, me escreves! Podes imaginar o quanto me inquieta ficar sem notícias tuas e a felicidade que algumas frases tuas representam” (Olga Benário, carta de 25 de mar. 1937). Para aqueles que vivem a privação da pessoa física por quem se tem afeto, cada manifestação afetiva resulta em dimensão de valor muito maior do que pode parecer. É necessário ressaltar que se trata da comunicação entre duas pessoas que estavam presas. Sendo assim, a carta constituía-se como único meio de comunicação entre Olga e Prestes, e, além disso, a prova que poderiam dar, um ao outro, de que ainda resistiam à prisão e estavam vivos. A ausência de notícias produziu o silêncio e este reproduzia irritação e/ou angústia.

Em todas as cartas ficou evidente a relação de amor e afeto existente entre Olga e Prestes. Olga sempre iniciava as epístolas de forma amorosa: “Meu querido Carlos”, “Meu querido Karli”, “Carlos, meu querido!”. E as finalizava da mesma forma: “Tua Olga”, “Tua mulher”, “Tua...”

Olga fala brevemente sobre si mesma, mas, em relação ao esposo, não mede a quantidade de perguntas sobre o seu estado de saúde, o transcorrer do seu dia, o que lê, quanto está pensando, se está se alimentando bem. Solicitando mais e mais informações sobre o esposo. Desse modo, ela pontuava o que gostaria de saber com mais urgência, direcionando as informações das próximas correspondências. Vejamos no parágrafo a seguir:

Podes me descrever mais uma vez o transcorrer do teu dia? Estás conseguindo dormir melhor e como vai tua magreza? Quanto estás pensando? Vejas, quero saber tantas coisas de ti e haverá muito mais para contar, quando acontecer o feliz dia do reencontro. (Olga Benário, carta de 15 de jun. 1940).

Levando-se em consideração o contexto de guerra em que Olga estava inserida, isso nos leva há algumas reflexões sobre a sua breve descrição da vida na prisão. Descrevendo que passa bem de saúde e pedindo para Prestes não se preocupar com ela, como lemos no seguinte trecho:

“Não te preocupes com minha saúde. Vai indo, pois principalmente existe vontade para tal” (Olga Benário, carta de 15 de jan. 1939). É possível que Olga tenha escrito pouco do que realmente vivia, para evitar que suas cartas fossem censuradas, ou para não causar preocupações em Prestes, ou ainda, para que ela mesma não tivesse consciência da sua real situação, criando uma realidade que fosse mais fácil de lidar. Mas, sabemos e tornamos a enfatizar que Olga não podia escrever nada muito detalhado e concreto devido a fiscalização e censura da Gestapo.

Ao final das cartas, Olga sempre falava palavras de encorajamento e, envia-lhe um abraço. “Então, desejemos que nunca esmoreça a coragem para esperar os tempos em que poderemos estar juntos novamente. Como sempre, com muito amor, recebe meu abraço de todo coração. Tua Olga.” (Olga Benário, carta de 26 de out. 1939). O abraço de Olga e Prestes não se concretiza e fica no plano imaginário. No entanto, Peter Gay descreve sobre isso, “as cartas substituem a presença física desejada” (GAY, 1999, p. 347). Desse modo, seria uma forma de controlar a saudade e desejo.

Olga sonhava esperançosamente com o futuro, em que ela, Prestes e Anita estariam juntos, formando uma família. Em todas as suas missivas ela se mostra muito firme na crença de dias melhores. Mesmo passados mais de cinco anos separados, ela ressaltava que não deviam perder a esperança do “feliz dia do reencontro”: “Ficar sabendo do que dizes sobre tuas leituras me torna ainda mais impaciente devido a meu anseio pelo dia em que novamente pudermos conversar. Até lá, vamos nos manter com saúde e não deixar a coragem minguar” (Olga Benário, carta de 22 de ago. 1940).

4.2.4 Olga revolucionária

Entendemos que Olga encontrou na troca de missivas uma maneira de se manter viva e lúcida, no sentido de procurar forças para resistir e não se entregar aquela realidade. Para Peter Gay, as cartas “testemunham desejos e as ansiedades, os prazeres, e os traumas, a discórdia interior descoberta ao escrever, provocando às vezes uma luta íntima” (GAY, 1999, p. 373). Olga estava em um exílio forçado por determinações políticas, mas, mesmo nessas condições, sua escrita deixa marcas de um sentimento de esperança, de sonhos, de coragem e de força para sobreviver aquela dura realidade. Percebe-se em seus escritos o seu poder de resistência, e as formas que encontrou de se manter viva nos campos de concentração:

Não se preocupe comigo. Passo consideravelmente melhor na época quente do ano e estou bronzeada do sol. Entretanto, seria muito triste se eu tivesse de passar um sexto inverno aqui. Mas adquirimos resistência justamente do ponto de vista físico e, no que diz respeito à frugalidade pessoal, eu, talvez melhor

do que antes, consiga me igualar a ti. (Olga Benário, carta de 22 de ago. 1940).

Sua vontade de viver e seu otimismo pelo dia em que estaria junta novamente de Prestes e Anita, provavelmente ajudavam-na a suportar as mais duras provações. Ao final das cartas, sempre falava palavras de encorajamento, de forma muito afetuosa. Como vemos no seguinte trecho: “Então, desejemos que nunca esmoreça a coragem para esperar os tempos em que poderemos estar juntos novamente. Como sempre, com muito amor, recebe meu abraço de todo coração. Tua Olga.” (Olga Benário, carta de 15 de jan. 1939).

Retornando a questão da censura, nem tudo poderia ser escrito naquelas linhas, é imprescindível termos em mente o que não pode ser dito, o que foi calado. Suas cartas têm a capacidade de nos fazer perceber e refletir sobre esses silenciamentos. Olga procura falar pouco do seu cotidiano, mas essas breves informações nos levam a pensar sobre a situação de privação, angústia e aflição que Olga vivenciava nos campos de concentração. Vejamos o seguinte trecho: “Da minha parte, há pouco para te dizer. Fora o jornal, não leio quase nada. mas isso já oferece o suficiente para refletir” (Olga Benário, carta de 15 de jun. 1940). Considerando o cenário político alemão, ela poderia estar preocupada com o seu destino e, conseqüentemente, o do marido.

Por conseguinte, é necessário enfatizar, que Olga não escreveu cartas para descrever o que vivia nos campos de concentração, o que acontecia de forma circunstancial. Estas missivas eram para se comunicar com o esposo, caso a realidade dos campos fosse narrada de forma minuciosa e objetiva, as epistolas seriam censuradas e interrompidas.

Ademais, é provável que estas cartas possam conter mensagens cifradas, frases que somente seriam decodificadas entre o casal. Na perspectiva de Ângela de Castro Gomes, a correspondência privada é um tipo de discurso multifacetado, com temas desordenados, que podem ou não ser retomados e desenvolvidos, deixando às vezes bem claro até onde se diz alguma coisa.” A carta pessoal “diz” que o segredo existe, explicitando seus limites, ou faz crer que ele não existe e que a confissão é plena” (GOMES, 2004, p. 21).

A mulher que identificamos nas cartas é uma mulher que encontra em si resistência, que luta pelos seus ideais e princípios, e por aqueles que ama, uma mulher forte e sensível, ao mesmo tempo, revolucionária, esposa e mãe.

Encerramos este capítulo, com a última carta escrita por Olga em abril de 1942 e entregue a Prestes somente anos depois. Diferente das demais missivas aqui analisadas, esta se encontra presente na obra *Olga*, de Fernando Morais (1985). Tal carta é posta aqui com o intuito

de permitir que conhecêssemos a persistência e coragem de Olga demonstradas em todas as cartas, inclusive nesta última enviada a Anita e a Prestes. Vejamos:

Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças, - ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandália ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica...Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a ideia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformar-me-ia, mesmo se não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que me esforço para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, principalmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos pela última vez. Olga. (Olga Benário, carta de abr. 1942).

Essa carta foi escrita por Olga em Ravensbruck, na noite anterior à sua partida para Bernburg, onde encontraria seu destino final. A escrita de Olga nos evidencia seu pressentimento que a morte estaria próxima, mesmo que ela não soubesse para onde seria transferida no dia seguinte.

Logo no começo de fevereiro de 1942, um pouco antes do dia que Olga completaria trinta e quatro anos, todas as mulheres foram reunidas no pátio central de Ravensbruck para ouvir nos alto-falantes a relação das duzentas prisioneiras que na manhã seguinte seriam “transferidas para outros campos de concentração”. O nome de Olga constava nessa listagem (MORAIS, 1985).

Olga era considerada uma “comunista perigosa”, carregava também a pecha de judia-estava, portanto, destinada a ser contemplada pelos planos nazistas da “solução final” (PRESTES, 2017, p. 75).

Por essas constatações, nesta carta está explícita a apreensão de Olga em imaginar que não poderá desfrutar do crescimento da sua filha, juntamente com o companheiro. Constatamos que, as coisas que torturam o coração de Olga seriam justamente pensar em um futuro no qual não estará junto de sua filha e Prestes, e não vai poder estar lá para abraça-los, cuidá-los e protegê-los. É demonstrado a preocupação de Olga com o futuro da filha, a mesma anseia que Anita cresça forte para suportar as pancadas e golpes da vida. Como já dito em outro momento aqui, Olga tinha receio que os familiares mimassem Anita demais, devido à ausência dos pais. Assim, entendemos que Olga ao pontuar que Dona Leocádia, inicialmente, não concordaria com suas ideias, seria, portanto, ao fato que Olga almeja que Anita seja criada e educada como qualquer outra criança, sem regalias.

Mas, apesar dessa situação, Olga conserva sua força e sensibilidade, sentimentos que estão presentes na maioria dos seus relatos. Na concepção de Fernando Morais, “A libertação de Otto Braun, a militância em Moscou, a frustrada revolução no Brasil e a separação da filha tinham feito de Olga Benário Prestes uma heroína” (MORAIS, 1985, p. 362).

Além disso, Olga foi uma entre milhares de outras vítimas do fascismo. Suas cartas são provas que tais fatos realmente aconteceram. São sinais de um passado que jamais deveria ter existido. “[...] seu martírio deveria servir de exemplo para que não se permita que tais horrores venham a se repetir” (PRESTES, 2017, p. 80).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo investigou as representações da participação de Olga Benário na política brasileira nas décadas de 1930 a 1940, levando em consideração as construções indenitárias de Olga flagradas na materialidade linguística de alguns textos biográficos, buscando interligar as formas como são descritos os sistemas de representação que estão em jogo na legitimação identitária e apagamento dos vários aspectos que identificam essa jovem militante.

Reiteramos a importância desse trabalho tendo em vista a ausência de seu nome entre as mulheres que fizeram e marcaram a história brasileira e devem ser lembradas. E para entendermos o contexto político-social das épocas.

As imagens e os sentimentos, formulados por indivíduos ou grupos sociais, de Olga Benário possuem diversas facetas. Foi possível perceber a construção de um retrato de Olga que se apresenta fragmentado, multifacetado e em constante processo de construção e reconstrução. Infelizmente, a aproximação no tempo dificulta o historiador a dar um parecer mais preciso sobre as representações das várias posições identitárias de Olga.

A trajetória de Olga é reveladora de uma época. Retrata, de um lado, a luta de um grupo, os comunistas, por um mundo de menos desigualdade social; mais justo e, de outro, a intolerância a esse grupo seguida da repressão por parte de governos autoritários e fascistas.

A valorização da experiência individual pela historiografia tem levado os historiadores ao interesse pelas cartas como objeto de investigação em lugar de considerá-las apenas fontes de informações. As múltiplas possibilidades de sua abordagem e utilização, seja como fonte ou objeto, inevitavelmente descobrirão no caminho as particularidades do gênero epistolar (MALATIAN, 2009).

Através das cartas podemos notar a sensibilidade que toma conta de Olga nos momentos mais difíceis de sua vida. Seu maior desejo era estar junto do marido e da filha. No momento de sua escrita epistolar, nos campos de concentração nazista, ela se mostrou otimista e confiante, acreditando que um dia isso seria possível.

Deve-se lembrar ainda que não se apresenta aqui uma história pronta ou acabada, mas um desvio que se põe a crítica, trazendo novas questões ao debate. Preferimos ver esse texto como um ponto de partida, não como o final. Na medida em que, quanto mais nos aproximamos de Olga, mais temos convicção de que existem ainda muitas possibilidades de abordagens históricas de sua trajetória.

REFERÊNCIAS

- A COMPANHEIRA de Prestes. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 20 de maio, 1936, p. 01.
- A COMPANHEIRA DE PRESTES: Conhecida a sua identidade e seu verdadeiro nome. Olga Meirelles ou Maria Bergner Villar ou Maria Prestes, a companheira do ex-capitão. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 01 de maio, 1936, p. 3.
- AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História**: possibilidades, limites e tensões. In: *Dimensões*, Vol. 24, 2010, p. 157-172.
- AVELAR, Lúcia. Participação política. In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Otávio (Org.). **Sistema político brasileiro**: uma introdução. Rio de Janeiro: Fundação KonradAdenauer-Stiftung; São Paulo: Fundação UNESP ED., 2004, p. 223-235.
- BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (Org.). **Figurações do outro**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p.225-238.
- BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da Memória e da Biografia: Gabrielle Brunesieler, uma vida (1874-1940). In: BESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (Res)Sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicampi, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de. AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral** (org.). 8 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.
- BRASIL ESCOLA. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-vargas.htm>>. Acesso em: 02 de dez. 2019.
- BRASIL, Constituição (1934), CAPÍTULO II- Dos Direitos e das Garantias Individuais, Art. 113. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 19 de jan. de 2021.
- BRASIL, [Lei nº 3.071 de 01 de Janeiro de 1916](#). Institui o Código Civil. Art 4º. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm. Acesso em: 19 de jan. de 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CADIOU, François et al. As Biografias. In: **Como se faz a História**: Historiografia, Método e Pesquisa. Trad. Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 187-205.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Trilogia dos estigmas. In; **Não olhe aos olhos do inimigo**: Olga Benário e Anne Frank. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 39-50.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. História de Vida de Olga Benário Prestes e Anita Leocadia Prestes. In: **Histórias de vida dos refugiados e sobreviventes da Shoah**.

Brasil, 1933-2017. São Paulo: Maayanot, 2018, Vol. 4, p. 29 - 51. Disponível neste site em: https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventestestemunhos/PRESTES_Olga_Benarrio_PRESTES_Anita_Leocadia.pdf.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais**: a condição feminina na Primeira República. Teresina: Edições Bagaço, 2005. p. 39-66.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DIETRICH, Ana Maria. Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil. 2007. 301 f. Tese (Doutorado)- USP, São Paulo, 2007.

ESCLARECIDA a identidade de Olga Bergner: Nascida em Munich usava vários nomes em serviço da Komintern. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 01 de maio, 1936, p. 07.

EXPULSA a Companheira de Luiz Carlos Prestes. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 29 de agosto, 1936, p. 01.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Vega, Passagens, 1992.

_____. Michel. **Microfísica o poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GAK, Igor. Estratégias do consenso: a política cultural exterior alemã para o Brasil durante o Estado Novo (1938-1942). In: FERREIRA, Jorge (org.). **As Repúblicas no Brasil**: política, sociedade e cultura. Niterói: EdUFF, 2011.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia de Letras, 1999.

GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de. AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral** (org.). 8 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 167-182.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MALATIAN, T. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.

MARIA Prestes vae deixar o território nacional: Assignado hontem pelo presidente da república o decreto de expulsão, **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 29 de agosto, 1936, p. 3.

MATTOS, R. C. O. As cartas revelam – analisando o oitocentos através da correspondência. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH: MEMÓRIA E PATRINÔNIO, XIV., 2010. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpuh, 2010.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battella (orgs.). **Prezado senhor, Prezada senhora. Estudos sobre cartas**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 3. Ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O mito da conspiração judaico-comunista**. Revista de História, FFLCH-USP, 138, p. 93-105, 1998.

NASCIMENTO, Larissa Silva; SANTOS, Michelle. **Questões sobre (auto)biografia: as modernas representações do holocausto em Maus, de Art Spiegelman, e em Os emigrantes, de W. G. Sebald. Outra travessia**. Santa Catarina, n. 14, 2012.

OLGA Benário [carta – abr. 1942]. In: MORAIS, Fernando. **Olga**. 3. Ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985. p. 315-316.

OLGA Benário [carta – 17 dez. 1936]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 84-85.

OLGA Benário [carta – 25 mar. 1937]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 86-87.

OLGA Benário [carta – 15 jan. 1939]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 88-90.

OLGA Benário [carta – 30 mar. 1939]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 91-93.

OLGA Benário [carta – 26 out. 1939]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 94-95.

OLGA Benário [carta – 15 jun. 1940]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 102-103.

OLGA Benário [carta – 22 ago. 1940]. In: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: Uma comunista nos arquivos da Gestapo**. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 108-109.

OLIVEIRA, Giovanna Mendes. **Olga Benário em suas narrativas biógrafas: Da história para ficção**. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2014.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o Debate:** o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *HISTÓRIA*, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História.** 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: UNESP, 2003. p. 14-15.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PITANGUY, Jacqueline. Mulheres, constituinte e constituição. In: ABREU, Maria Aparecida (Org.). **Redistribuição, reconhecimento e representação:** diálogos sobre igualdade de gênero. Brasília: Ipea, 2011, p. 17/45.

PONTES, Matheus de Mesquita e. **Luiz Carlos Prestes e Olga Benário:** Construções indenitárias através da História e da Literatura. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em história) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

PRESTES, Anita Leocádia. Olga Benário Prestes, minha mãe. In: **Não olhe aos olhos do inimigo:** Olga Benário e Anne Frank. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 13- 16.

PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes:** Uma comunista nos arquivos da Gestapo. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a história. In: AVELAR, Alexandre de Sá. SCHMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia** (org.). – São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018. p. 73-89.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa.** Campinas: Papyrus, 1994 (tomo I).

SALOMON, M. **Arquivologia das correspondências.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 56 p.

SERPA, Maria Valquíria Faria. **A constituição indenitária de Olga Benário:** uma abordagem pragmática. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

SILVA, W. F. Memórias e narrativas (auto)biográficas. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 31, nº 61, p. 341-344, 2011.

STRAUSS, Dieter. Prefácio. In: **Não olhe aos olhos do inimigo:** Olga Benário e Anne Frank. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 7-12.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930:** a dominação oculta. São Paulo: editora brasiliense, 1982.

VASCONCELOS, Eliane. Intimidade das confidências. **Teresa revista de Literatura Brasileira.** n.8/9. São Paulo,2008. p. 372-398.

VENTURI, Toni. O Velho: a história de Luiz Carlos Prestes. Filme documentário, 1997.

VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

WAACK, William. **Camaradas**: Nos arquivos de Moscou: a história secreta a revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia de Letras, 2004.

WERNER, R. **Olga Benário**. Tradução de Reinaldo Mestrinel. 3.ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1990.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- Tese
- Dissertação
- Monografia
- Artigo

Eu, Milena Carvalho de Sousa

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

As fadas de Olga: representações sobre Olga Benário na história política brasileira (décadas de 1930 a 1940)

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 17 de agosto de 2021.

Milena Carvalho de Sousa
Assinatura

Assinatura